



**Análise à cobertura dos Rankings das Escolas
no Jornal *Público***

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

André Manuel Chagas Certã

Outubro, 2023

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica do Professor António Granado

Agradecimentos

À minha mãe e ao meu pai, por todo o carinho e apoio que me deram para fazer uma mudança de rumo na minha vida e arriscar numa área totalmente diferente da minha formação inicial e, especialmente, por me ajudarem e nunca me deixarem desistir.

Aos meus avós, que sempre me deram amor e carinho e apoio enquanto cá estiveram e ao avô que ainda cá está e que continua a dar-me isso mesmo, todos os dias.

Ao professor António Granado pela paciência e pelo incentivo que me deu, mesmo quando as nuvens negras pareciam abater-se na realização deste trabalho, e por me inspirar verdadeiramente desde que iniciei o meu mestrado.

Aos jornalistas do Ímpar e da Fugas, especialmente Bárbara Wong, Carla Ribeiro, Luís J. Santos e Alexandra Prado Coelho, pelo apoio imenso e oportunidades dadas a um jovem que chegou muito “verdinho” àquela redação, mas que aprendeu imenso na secção e viveu novas experiências.

Aos jornalistas do Mundo, especialmente com quem contactei mais, como é o caso de António Rodrigues, Paulo Narigão Reis, Alexandre Martins, Maria João Guimarães, António Saraiva Lima e, à distância, Sofia Lorena, por me terem acolhido tão bem e por criarem um ambiente onde me senti capaz de soltar as minhas asas, sentindo-me sempre apoiado.

A todos os jornalistas com quem contactei e me ajudaram de uma forma ou outra, tais como Rafaela Burd Relvas, Amanda Ribeiro, Mariana Marques Tiago, Carolina Amado, Cláudia Carvalho Silva, entre muitos outros.

À Mariana, pelo amor e carinho e paciência enquanto realizei este trabalho e também por me sempre fazer rir, mesmo quando tudo aperta.

A todos os meus amigos, especialmente aos que me acompanharam mais na realização do trabalho como a Maria Inês, o João, o Miguel, a Beatriz, a Camila, a Marta, o Martim, a Mello, a Mariana, a Matilde, a Maria, a Rita e muitos outros que não cabem aqui, mas que me ajudaram a ultrapassar este desafio.

Análise à cobertura dos Rankings das Escolas no Jornal *Público*

[Analysis of the coverage of the school rankings in Jornal *Público*]

Resumo:

O presente relatório é o resultado do estágio curricular de mestrado de três meses na secção Ímpar e Mundo do jornal *Público*, que decorreu entre setembro e dezembro de 2022.

Este trabalho analisa a cobertura dos Rankings das Escolas, realizados pelo *Público*, nos anos de 2001, 2006, 2011, 2016 e 2022, de forma a perceber a sua evolução. Para complementar a análise, realizaram-se entrevistas com Rui Barros e Andreia Sanches, parte da equipa que realizou os rankings.

A investigação permitiu perceber o aumento da informação disponibilizada, como razão para o crescimento da cobertura anual e para a organização dos jornais, a prevalência da notícia, reportagem e da infografia e os critérios para a escolha das escolas destacadas.

Permitiu entender ainda o valor-notícia da relevância como sendo subjacente à realização dos rankings, como os rankings são parte de uma forma de jornalismo *watchdog* para vigiar a ação do Estado, e como os valores de contexto socioeconómico divulgados depois de 2012 vieram mitigar os efeitos mercantilizantes dos rankings apontados pelos críticos.

Analysis of the coverage of the school rankings in Jornal *Público*

[Análise à cobertura dos Rankings das Escolas no Jornal *Público*]

Abstract:

The present report is the result of a three-month internship as part of my master's degree program at the "Ímpar" e "Mundo" sections of the Portuguese newspaper *Público*, which took place between September and December 2022.

This work analyses the coverage of School Rankings published by *Público* in the years 2001, 2006, 2011, 2016, and 2022 in order to understand their evolution. To complement the analysis, interviews were conducted with journalists Rui Barros and Andreia Sanches, who are part of the team responsible for creating the rankings.

The research allowed me to understand the increase in information provided as a reason for the growth in the yearly coverage and the newspapers' organisation. It also highlighted the prevalence of news, reports, and infographics, as well as the criteria for selecting the featured schools.

It further allowed to conclude on the news-value of relevance as an underlying factor for creating the rankings. Rankings are also seen as part of a watchdog journalism approach to monitor the actions of the state, and that socioeconomic values of context released after 2021 have mitigated the commercializing effects of rankings that were pointed out by critics.

Índice

I.	Caracterização do órgão onde realizei o estágio e resumo do estágio	8
1.	O <i>Público</i>	8
2.	Dificuldades sentidas durante o estágio.....	16
II.	Os rankings como criação jornalística: o seu nascimento, papel e argumentos a favor e contra.	18
1.	O papel do <i>Público</i> no nascimento e evolução histórica dos rankings nas escolas.	18
2.	A noticiabilidade dos rankings.....	21
3.	Os Rankings como possível manifestação do cão de guarda jornalístico	25
4.	As críticas e argumentos a favor dos rankings	28
III.	Cobertura dos rankings pelo jornal <i>Público</i>	32
1.	Metodologia do estudo	32
2.	Análise às coberturas dos rankings das escolas nas edições selecionadas	35
IV.	Conclusões.....	46
1.	Como foi organizada a realização e a cobertura noticiosa dos rankings ao longo dos anos?	46
2.	Que géneros jornalísticos foram mais utilizados?.....	48
3.	Que temas e tipos de escolas foram sendo dados como destaque?	50
4.	Outras conclusões	53
5.	Limitações do estudo	56
V.	Bibliografia.....	57
VI.	Anexo 1 – Primeiras Páginas dos jornais	59
1.	Edição do <i>Público</i> de 27 de agosto de 2001.....	59
2.	Edição do <i>Público</i> de 21 de outubro de 2006.....	60
3.	Edição do <i>Público</i> de 15 de outubro de 2011.....	61
4.	Edição do <i>Público</i> de 17 de dezembro de 2016	62
5.	Edição do <i>Público</i> de 8 de julho de 2022.....	62
VII.	Anexo 1 - Descrição dos jornais.....	64
1.	Edição do <i>Público</i> de 27 de agosto de 2001.....	64
2.	Edição do <i>Público</i> de 21 de outubro de 2006.....	67
3.	Edição do <i>Público</i> de 15 de outubro de 2011.....	72
4.	Edição do <i>Público</i> de 17 de dezembro de 2016	76
5.	Edição do <i>Público</i> de 8 de julho de 2022.....	81
VIII.	Entrevistas	89
1.	Entrevista a Andreia Sanches	89
2.	Entrevista a Rui Barros	104

Introdução

Desde a sua conceção que os rankings das escolas nunca foram livres de controvérsia, começando pela luta pela sua divulgação. Entre a política e a sociedade, foi uma combinação de fatores para que, em 2001, os jornais e outros órgãos de comunicação social pudessem ter acesso e pudessem publicar as listas dos resultados dos exames nacionais do 12º ano.

O jornal *Público* foi, à altura, um dos grandes protagonistas da pressão feita pela sociedade civil, liderado naquela época pelo diretor José Manuel Fernandes. Foi um dos subdiretores, António Granado, que requereu, primeiro, ao Ministério da Educação e depois à Comissão de Acesso aos Documentos Administrativos (CADA), a lista das médias das notas obtidas a cada disciplina em cada escola.

Porque a análise da cobertura dos rankings no jornal *Público* nunca foi efetuada, escolhi debruçar-me sobre este tema no meu relatório de estágio. Os rankings de 2001 nunca foram estanques, e estão algo distantes daquilo que o leitor pôde encontrar na edição dos últimos rankings publicados, em 2022.

Graças a uma necessidade de contextualização que tem sido crescente, os rankings adotam cada vez mais características que oferecem esse indispensável contexto, maioritariamente relacionado com a localização e com as características socioeconómicas da área onde cada escola se localiza.

O foco principal deste trabalho é analisar como é que o jornal *Público* tratou e noticiou, ao longo dos mais de vinte anos de rankings das escolas, os resultados destes rankings, pretendendo saber como a cobertura noticiosa nas edições em papel dos jornais dedicadas aos rankings foram organizadas, que géneros jornalísticos foram mais utilizados.

Neste trabalho analisaremos ainda os rankings como criação jornalística, os motivos pelos quais são publicados, a sua posição face às funções tradicionais do jornalismo e os seus argumentos, a favor e contra.

I. Caracterização do órgão onde realizei o estágio e resumo do estágio

1. O Público

A Público Comunicação Social SA, pertencente ao grupo Sonae, é responsável pela publicação do jornal *Público*, um diário generalista que se estreou a 5 de março de 1990 nas bancas.

Na altura do estágio, a direção do jornal era composta por Manuel Carvalho, diretor desde 2018, e pelos diretores adjuntos Amílcar Correia, Andreia Sanches, David Pontes e Tiago Luz Pedro.

O jornal conta, atualmente, com 10 secções. Durante o meu estágio, trabalhei em duas delas, sendo estas, a secção Ímpar, editada por Bárbara Wong – a minha orientadora de estágio – e a secção Mundo; editada por António Rodrigues e Paulo Narigão Reis.

Realizei ainda algumas peças para a secção Fugas, editada por Luís J. Santos e Sandra Silva Costa, e um trabalho para o P2, o grande suplemento de domingo do jornal, editado por Sérgio B. Gomes.

As outras secções do jornal: Online, editada por Pedro Rios, Mariana Adam, Patrícia Jesus e Ivo Neto; Política, editada por Leonete Botelho; Sociedade, editada por Rita Ferreira; Local, editada por Ana Fernandes; Economia, editada por Pedro Ferreira Esteves e Isabel Aveiro; Ciência e Ambiente/Azul, editadas por Andrea Cunha Freitas e Teresa Firmino; Tecnologia, editada por Karla Pequeno; Cultura, editada por Paula Barreiros e Inês Nadais; Desporto, editada por Jorge Miguel Matias e Nuno Sousa; o P3, editado por Ana Maria Henriques e Amanda Ribeiro.

Para além destes, o *Público* conta ainda com os suplementos Ípsilon, na altura editado por Vasco Câmara, e o suplemento da Fugas, ao sábado.

A primeira metade do meu estágio foi realizada no Ímpar, secção de *lifestyle* do *Público*, lançada em novembro de 2019, substituindo a secção Culto, até então a marca que caracterizava o *lifestyle* do jornal. Dedicada a temas divididos por bem-estar, alimentação, relações, moda, beleza, casa, pessoas e pares.

Para além da editora Bárbara Wong, o Ímpar é ainda composto pela subeditora, Carla B. Ribeiro e pela jornalista Inês Duarte de Freitas.

A segunda metade do estágio, iniciada no final de outubro, foi realizada na secção Mundo, que se foca em assuntos de política internacional e de outros assuntos à escala global.

Liderada pelos editores António Rodrigues e Paulo Narigão Reis, a secção é ainda composta pelos jornalistas Maria João Guimarães, Alexandre Martins, António Saraiva Lima e João Pedro Pincha, em Lisboa. No Porto, trabalham os jornalistas João Ruela Ribeiro e Sofia Lorena, com a jornalista Rita Siza destacada em Bruxelas. Associados à secção estão ainda os redatores principais Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa e Bárbara Reis.

No Mundo, trabalhei maioritariamente no Ao Minuto da Guerra da Ucrânia, atualizando com notícias da Reuters ou da Lusa, ou fazendo pequenas notícias a partir de takes de outros jornais e órgãos jornalísticos, especialmente internacionais, como o *The Guardian* ou a Sky News. Além disso, realizei algumas notícias de maior dimensão, com duas a sair no papel.

O meu horário de entrada não estava estabelecido, mas situava-se entre as 9:00 e as 10:00 e saía entre 17:30 e as 18:30, embora, algumas vezes, se pudesse estender para lá deste horário, caso algum excesso de trabalho ocorresse ou alguma peça não estivesse acabada até então.

O meu estágio iniciou-se no dia 12 de setembro, segunda-feira. Logo no primeiro dia, foi-me ensinado pela jornalista Carla Ribeiro, a “puxar” uma notícia da Reuters. Foi-me explicado que deveria acrescentar mais informações sobre a [homenagem](#)¹ do Príncipe Harry à sua avó, Isabel II.

Nos primeiros dias, o meu tempo foi dedicado a “puxar” peças da Reuters e a traduzir notícias do *The Washington Post*, publicadas no âmbito do Project Syndicate, no qual notícias do *The Washington Post* podem ser traduzidas e publicadas no *Público*.

¹ <https://www.publico.pt/2022/09/12/impair/noticia/principe-harry-agradece-avo-encontros-promete-honrar-pai-2020215>

Na quarta-feira, foi-me proposto fazer para o P2, suplemento de domingo, um texto sobre o [luto de quem não se conhece](#)², e o impacto psicológico das mortes de famosos, no rescaldo das demonstrações de tristeza com a morte de Isabel II. Este foi o meu primeiro grande desafio, sendo que desconhecia o âmbito do P2 e a sua maneira de escrever e o tamanho pedido.

Na realização da peça para o P2, conversei com Maria Teresa Martins, terapeuta do luto, e Carlos Céu e Silva, psicólogo, para obter algumas razões para este fenómeno. No lado de pessoas que sentiram este fenómeno na pele, falei com o cantor David Fonseca, que realizou um álbum de tributo a David Bowie depois da sua morte.

Encontrar alguém que tenha sofrido com o falecimento de Isabel II não foi fácil, face ao afastamento existente com a realidade britânica. Graças a um conselho dado pelo editor do P2, Sérgio B. Gomes, liguei para a embaixada do Reino Unido, que me redirecionou para Ruth Hearst, imigrante inglesa em Portugal, que concordou em falar.

No entanto, como não sabia verdadeiramente o que implicava uma peça para o P2 e como não conseguia ir trabalhar na sexta-feira, não fui capaz de realizar uma peça que cumprisse os caracteres necessários, pelo que esta teve de ser profundamente editado pela editora em exercício Carla Ribeiro.

Na quinta-feira de manhã, fiz a minha primeira saída ao terreno, com o objetivo de fazer uma notícia sobre o [Wanderlust](#), um festival de yoga e bem-estar que se realizou no fim de setembro, em Lisboa.

Na segunda-feira, realizei mais uma notícia, desta vez sobre [o rapper Lil Nas X](#)³ que deu pizza a manifestantes homofóbicos, editada por Carla Ribeiro.

Na quinta-feira, dia 22 de setembro, foi-me indicado fazer uma reportagem na [Embaixada](#)⁴, um estabelecimento com várias lojas no Príncipe Real, em Lisboa, que realizava

² <https://www.publico.pt/2022/09/18/impar/noticia/luto-verdadeiro-sentimos-perdemos-algo-pertence-2020744>

³ <https://www.publico.pt/2022/09/20/impar/noticia/fanaticos-religiosos-manifestavamse-porta-concerto-rapper-lil-x-manda-entregar-lhes-pizza-2021199>

⁴ <https://www.publico.pt/2022/09/22/impar/noticia/nove-anos-embaxada-acredita-ajudou-mudar-bairro-lisboeta-principe-real-2021343>

o seu 10º aniversário de existência, em conjunto com o fotojornalista Nuno Alexandre. Contactei com a representante da empresa proprietária e com uma representante de uma das lojas.

No dia seguinte, dia 23 de setembro, realizei uma notícia sobre [Daniel Craig](#)⁵ que enviou uma mensagem de apoio a dois pais que realizaram uma caminhada pelo Reino Unido para angariar fundos para prevenir o suicídio.

No dia 26 de setembro, depois de conversar com a jornalista da Fugas Alexandra Prado Coelho, fui ao Congresso dos Cozinheiros, em Barcarena, com o objetivo de fazer uma notícia sobre o [concurso Melhor Pastel de Nata do Mundo](#)⁶, onde falei com o responsável da Casa do Padeiro, a vencedora, da Padaria da Né, que venceu no ano anterior e o responsável pela organização do concurso.

No dia 28 do mesmo mês, realizei uma peça sobre [João da Silva](#)⁷, cronista do *Público* e sobrevivente de cancro, que iria realizar uma caminhada entre os IPOs de Lisboa, Coimbra e Porto, como forma de mostrar esperança para quem sofra desta condição.

No dia 30, realizei uma notícia sobre os [90 anos da Lego](#)⁸, no contexto da abertura da nova loja da Lego em Portugal. Fui à inauguração da loja e falei com representantes da empresa, de forma a obter uma perspetiva da evolução da marca.

No dia 03 de outubro fiz uma notícia sobre [a Feira de Beleza InBeauty](#)⁹ em Lisboa, na Altice Arena, tendo falado com a diretora de marketing da Exponor, organizadora do evento.

⁵ <https://www.publico.pt/2022/09/23/impar/noticia/daniel-craig-envia-mensagem-apoio-pais-caminham-prevencao-suicidio-2021568>

⁶ <https://www.publico.pt/2022/09/26/fugas/noticia/casa-padeiro-pontinha-melhor-pastel-nata-regiao-lisboa-2021885>

⁷ <https://www.publico.pt/2022/09/28/impar/noticia/joao-silva-percorre-300-km-esperanca-nome-luta-cancro-2022014>

⁸ <https://www.publico.pt/2022/09/30/impar/noticia/90-anos-brincar-lego-historica-marca-mantem-actual-chegada-lisboa-2022276>

⁹ <https://www.publico.pt/2022/10/03/impar/noticia/feira-beleza-in-beauty-regressa-lisboa-neste-fimde semana-2022694>

No dia seguinte, escrevi uma peça com a jornalista Inês Duarte de Freitas, [sobre os destaques da Semana da Moda de Paris](#)¹⁰.

No dia 6, escrevi uma pequena notícia sobre o rei Carlos III de Inglaterra, que [contratou um tocador de gaita-de-foles](#)¹¹ como despertador.

No dia 10, realizei uma peça sobre [um novo videojogo](#)¹² para ajudar a reduzir o desenvolvimento da dislexia feito em Portugal por Clara Gomes, com quem falei de modo a perceber como funciona e como poderia prevenir esta condição. Ainda no mesmo dia, foi publicada uma peça sobre a Wave by Wave e as vantagens positivas que o Mar tem, especialmente através da terapêutica do surf. Para realizá-la, fui à praia de Carcavelos falar com a representante desta associação, bem como representantes de outras organizações.

No dia 12, realizei uma notícia sobre [postos de roupa em segunda mão](#)¹³ que seriam instalados em Gaia e em Lisboa, nos Hipermercados Continente. Para o efeito contactei com representantes do grupo SONAE e da empresa de venda em segunda mão Retry, com quem a Sonae teve uma parceria.

Dia 19, foi publicada a notícia de [seguimento](#)¹⁴ à notícia original sobre João da Silva, que realizou a caminhada e angariou mil euros para apoiar a casa do IPO de Lisboa, que está em construção.

No dia 20, foi publicada uma peça sobre [o Big Bang](#)¹⁵, uma programação específica musical para crianças no CCB, organizada pela Fábrica das Artes, secção infantil do CCB. Para o efeito, falei com Madalena Wallenstein, programadora da Fábrica das Artes.

¹⁰ <https://www.publico.pt/2022/10/04/impar/noticia/vestido-spray-cher-victoria-beckham-eis-destaques-semana-moda-paris-2022453>

¹¹ <https://www.publico.pt/2022/10/06/impar/noticia/carlos-iii-contratou-tocador-gaitadefoles-despertador-2023037>

¹² <https://www.publico.pt/2022/10/10/impar/reportagem/mar-terapeutico-contribuir-saude-mental-acreditam-surfistas-2023541>

¹³ <https://www.publico.pt/2022/10/12/impar/noticia/roupa-segunda-mao-chega-hipermercados-continente-gaia-lisboa-2023675>

¹⁴ <https://www.publico.pt/2022/10/19/impar/noticia/joao-silva-angariou-quase-mil-euros-apoiar-criancas-jovens-cancro-2024430>

¹⁵

Já no dia 21, foi-me pedido para realizar para a Fugas uma reportagem sobre [o novo espaço de restauração](#)¹⁶ na Praça, no Hub Criativo do Beato. Tendo visitado o espaço e conversado com representantes e empregados do espaço, a reportagem foi ainda realizada com Nuno Ferreira Santos, fotojornalista do *Público*.

No mesmo dia, escrevi uma notícia sobre [Imam](#)¹⁷, modelo somali e viúva de David Bowie, que afirmou que era discriminada no seu salário em comparação com modelos brancas.

No dia 25, realizei uma notícia para a Fugas sobre [um festival de cervejas artesanais no Palácio Baldaya](#)¹⁸, em Benfica, no qual contactei um dos organizadores do festival.

A partir de dia 31 de outubro, foi-me pedido que fosse para a secção Mundo. Quando entrei, o editor em controlo era Paulo Narigão Reis, subeditor, que rapidamente me introduziu aos básicos daquela que seria a minha tarefa principal: ajudar na elaboração diária do Ao Minuto da Guerra da Ucrânia¹⁹, iniciado diariamente para cobrir os eventos que rapidamente se desenvolvem. De modo a fazê-lo, ia verificando o *feed* da Reuters ou Ao Minuto de outros órgãos de comunicação social internacionais como o *The Guardian* e a Sky News. A partir destes, surgiam informações que, ou seriam simplesmente traduzidas da Reuters, ou utilizadas para transformar em notícias próprias.

O Ao Minuto era feito com um esforço conjunto entre as secções do Mundo e de Online, que iam atualizando, desde cerca das 7 da manhã, até ao fim do dia, com horários variando consoante a relevância dos acontecimentos. Por ser algo realizado numa equipa de várias redações, tinha de me coordenar com a outra secção, colaborando com alguns

¹⁶ <https://www.publico.pt/2022/10/21/fugas/noticia/praca-provar-produtos-portugal-inteiro-freguesia-lisboeta-beato-2024736>

¹⁷ <https://www.publico.pt/2022/10/21/impar/noticia/viuva-david-bowie-revela-recusado-trabalhos-nao-recebia-modelos-brancas-2024888>

¹⁸ <https://www.publico.pt/2022/10/25/fugas/noticia/benfica-estreia-festival-cervejas-artesanais-jardins-palacio-baldaya-2025324>

¹⁹ Alguns dos trabalhos realizados:

- <https://www.publico.pt/2022/11/22/mundo/noticia/apagoes-ucrania-duram-ate-final-marco-2028647>
- <https://www.publico.pt/2022/11/21/mundo/noticia/ataques-central-zaporijjia-deliberados-conclui-agencia-internacional-2028502>

jornalistas tais como os jornalistas Inês Chaíça, o editor Pedro Rios, Filipa Mendes e Carolina Amado.

No entanto, apesar de já ter transitado de secções, tinha trabalho ainda pendente no Ímpar, com os quais me tinha comprometido. Deste modo, escrevi uma peça sobre [o Ciclo do Dinheiro do Teatro Luís de Camões](#)²⁰, em Lisboa, tendo ido ao Teatro e falado com a representante pela programação e com uma das responsáveis por uma das atividades do ciclo. A peça elaborada foi publicada no site do *Público* a 4 de novembro.

Ainda para o Ímpar, fiz uma entrevista com [a fundadora da plataforma de venda Vinted](#)²¹, que resultou num artigo por pontos com quatro conselhos para ensinar os filhos a serem mais sustentáveis, que foi publicada no dia 17 de novembro.

No mesmo dia, foi publicada ainda uma notícia sobre [uma gala solidária de apoio a crianças e jovens da zona de Lisboa](#)²², e para a poder escrever conversei com a organizadora do festival para obter mais informações sobre a gala.

No dia 24, realizei o meu primeiro trabalho para a secção Mundo, sob proposta minha, fazendo uma notícia com o título “Espanha vota fim da sedição apoiado por independentistas e criticado pela direita”, sobre [a eliminação do crime de sedição](#)²³ do código penal espanhol.

No dia seguinte, dia 25, escrevi a notícia de seguimento, noticiando [o início da tramitação da proposta do governo](#)²⁴ para eliminar o crime de sedição da legislação espanhola. Estes trabalhos foram realizados com a ajuda especial da jornalista Sofia Lorena, que normalmente trabalha estas matérias e que me ajudou a encontrar fontes sobre as quais me baseei para realizar a peça.

²⁰ <https://www.publico.pt/2022/11/04/impar/noticia/teatro-luis-camoes-quer-novos-perceberem-dinheiro-2026322>

²¹ <https://www.publico.pt/2022/11/17/impar/noticia/quatro-conselhos-educar-filhos-serem-sustentaveis-2027625>

²² <https://www.publico.pt/2022/11/17/impar/noticia/gala-solidaria-estoril-quer-ajudar-criancas-conquistarem-sonhos-2027069>

²³ <https://www.publico.pt/2022/11/24/mundo/noticia/governo-espanhol-vota-fim-crime-sedicao-apoiado-independentistas-criticado-direita-2028913>

²⁴ <https://www.publico.pt/2022/11/25/mundo/noticia/congresso-espanhol-aprova-passo-fim-crime-sedicao-2029178>

Dia 28, foi publicada uma notícia sobre a [situação política no México](#)²⁵ e sobre as acusações de corrupção feitas ao presidente do México, ajudado por Jorge Almeida Fernandes, experiente redator principal e que me ensinou parte da história política do país.

No dia 30 de novembro, realizei uma peça sobre o facto da polícia de São Francisco, nos EUA, ter [aprovado o uso de robots capazes de força letal](#)²⁶.

No dia 2 de dezembro, fiz uma peça de perguntas e respostas sobre as [cartas armadilhadas](#)²⁷ que iam chegando a vários pontos de Espanha, do exército e do estado desse país.

Dia 7 de dezembro, realizei uma peça sobre [a indústria do exército ucraniano](#)²⁸ ligada aos ataques de drones em território russo, com a possibilidade de existir um drone de fabrico ucraniano, tendo o António Rodrigues me ensinado como entender as especificidades de trabalhar fontes em situação de guerra.

Ainda no dia 7, realizei uma peça de seguimento à notícia sobre [a utilização de robots capazes de força letal](#)²⁹, pois a cidade de São Francisco tinha invertido a decisão.

Trabalhar na secção Mundo permitiu-me contactar com matérias pelas quais tenho mais interesse e numa secção onde me integrei melhor pessoalmente. Guardo e levo comigo os ensinamentos e as ajudas que me deram em ambas as secções sobre como realizar dois tipos muito distintos de jornalismo: sobre *lifestyle* e política internacional, algo que me permitiu ter uma visão mais ampla do trabalho que se realiza no *Público*.

Foi pela reconhecida aposta no jornalismo de qualidade que decidi estagiar no *Público*, algo que encontrei nos três meses em que lá estive. Foi-me dado tempo para fazer peças, respeitando os horários e a programação da edição impressa e da gestão do online,

²⁵ <https://www.publico.pt/2022/11/28/mundo/noticia/presidente-mexico-defende-reforma-eleitoral-manifestacao-capital-2029504>

²⁶ <https://www.publico.pt/2022/11/30/mundo/noticia/sao-francisco-aprova-uso-policia-robos-capazes-matar-2029782>

²⁷ <https://www.publico.pt/2022/12/02/mundo/perguntaserespostas/cartas-armadilhadas-espanha-explicadas-cinco-perguntas-respostas-2030020>

²⁸ <https://www.publico.pt/2022/12/07/mundo/noticia/ataques-drones-russia-importancia-industria-armamento-ucraniana-2030457>

²⁹ <https://www.publico.pt/2022/12/07/mundo/noticia/sao-francisco-reverte-permissao-uso-policial-robos-capazes-matar-2030556>

permitindo que conseguisse ter tempo para fazer as reportagens ou notícias, o que me beneficiou especialmente no início em que não tinha muita experiência com o estilo de escrita do *Público*, ou mesmo na própria prática jornalística.

A minha inadaptação ao Ímpar e às suas temáticas fizeram com que fizesse um esforço acrescido de adaptação e de prática. Neste sentido, a ajuda da Bárbara Wong foi mesmo essencial, mesmo quando falhei, às vezes de forma repetida, estive lá para incansavelmente me apontar o que estava a fazer de errado, e corrigir e ensinar a melhorar.

Do Ímpar retirei ensinamentos sobre como funcionar com as ferramentas digitais do sistema de *backoffice* do jornal, ajudado também pela Carla Ribeiro, que estive lá várias vezes para me mostrar como aprimorar a parte visual das peças que ia publicando.

2. Dificuldades sentidas durante o estágio

Tal como tem sido feito até ao momento, cabe dividir este tópico em duas fases. Começando pelo princípio do estágio, chegar ao *Público* não foi fácil. Não tendo tido opção sobre que secção queria ou não integrar, cheguei no dia 12 de setembro ao Jornal. No início, acabei por “cair de pára-quadras”, de certa forma, durante a primeira semana, sendo que na primeira secção só estava eu e a jornalista Carla B. Ribeiro.

No entanto, ali, senti apoio logo à chegada, tendo começado logo a trabalhar em artigos e a perceber as dinâmicas de trabalho da secção. Talvez a minha maior dificuldade no Ímpar tenha sido a minha relação com a temática da secção. Se pudesse ter escolhido uma área à entrada no jornal, talvez não tivesse escolhido o Ímpar, pois o lifestyle está algo afastado daquelas que são as minhas áreas de interesse. Por esse motivo, senti-me menos motivado para propor temas e realizar trabalhos que fossem maioritariamente da minha iniciativa.

Assim, acabei por realizar a maioria por proposta da editora Bárbara Wong, que “puxou por mim”, apoiou-me e deu-me ferramentas para eu conseguir realizar bons trabalhos e que considero, em retrospectiva, verdadeiramente interessantes. No entanto, penso que foi essa inadaptação à secção que levou à rotação e a trocar de secção.

No Mundo, o panorama foi diferente. A atenção dada foi distinta da do Ímpar, foi ligeiramente menos presente, algo que é facilmente compreensível face à maior escala de trabalho e ao tamanho da secção, com jornalistas em Lisboa e no Porto. O trabalho, ao início, implicava também menor supervisão, por se basear na rapidez no Ao Minuto da Guerra da Ucrânia.

Muitas vezes a coordenação com os jornalistas do Online era difícil de se fazer, levando a que ocorressem situações em que trabalho que já estava quase a ser concluído.

Ao todo, a experiência no Jornal foi altamente positiva. Reconheço que cresci imenso de várias formas como aspirante a jornalista, como profissional e pessoalmente, tendo aproveitado para ganhar conhecimentos novos em relação à profissão.

II. Os rankings como criação jornalística: o seu nascimento, papel e argumentos a favor e contra.

1. O papel do *Público* no nascimento e evolução histórica dos rankings nas escolas.

Os rankings escolares dos exames nacionais do 12º ano, em Portugal, nasceram em 2001, aquando da pressão pública exercida pelo *Público*, liderado pelo seu diretor, José Manuel Fernandes, sobre o Ministério da Educação, encabeçado na altura por Augusto Santos Silva, do Governo de António Guterres, do Partido Socialista.

Ao longo de 2001, o *Público* defendeu sucessivamente a divulgação dos resultados integrais dos exames de acesso ao ensino superior, uma posição assumida pela direção do jornal, através de sucessivos editoriais e peças que definiram abertamente a posição do jornal.

Maria Benedita Portugal e Melo efetuou uma recolha de jornais ao longo de 2001 e analisou os títulos e os tópicos das peças jornalísticas publicadas sobre informação. Na sua análise, verificou que, em 12 editoriais publicados sobre o tema da educação, nove destes faziam referência a rankings ou à avaliação do sistema de ensino. Nos textos de opinião, a maioria das opiniões publicadas pelo jornal refere também o mesmo tópico, com 69 em 120 textos a mencionarem-no (2008, p. 69).

O momento que culmina a luta pela publicação dos rankings é a queixa efetuada à Comissão de Acesso a Documentos Administrativos (CADA), assinada por António Granado, à altura subdiretor do jornal *Público* na sequência de um requerimento feito ao Ministério da Educação, que fora rejeitado, para aceder aos resultados dos exames nacionais de 12º ano de cada escola, sem qualquer referência aos nomes dos alunos que os fizeram.

O requerimento efetuado foi rejeitado, tendo por base três razões listadas pelo Ministério da Educação:

- *“a publicitação dos resultados dos exames do 12º ano é motivo de aceso debate político, tendo a Assembleia da República reprovado o projeto de lei apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD que pretendia obrigar a tal publicação;*

- *o entendimento do Ministério da Educação é contrário à publicitação simples (isto é, sem tratamento e análise que contextualize os resultados);*
- *as razões que levam a desincentivar o ranking das escolas são conhecidas, pelo que o Ministério se considera dispensado de, de novo, as explicitar;*
- *os resultados são, de qualquer forma, reconhecidos como muito importantes, constituindo uma das quatro dimensões fundamentais do Programa de Avaliação Integrada das Escolas, que se encontra em curso;*
- *O Ministério da Educação disponibiliza publicamente uma síntese sobre os resultados nacionais dos exames do 12º ano, mas não elabora nenhum documento que discrimine os resultados por escola e por disciplina.”*³⁰

A CADA, analisando a contra-argumentação do jornalista, acaba por lhe dar razão iniciando assim o processo de publicação dos rankings, que foram lançados a 27 de agosto de 2001.

O Ministério da Educação, já encabeçado por Júlio Pedrosa, divulgou os primeiros rankings em formato de dados brutos, sem qualquer tratamento, deixando aos órgãos de comunicação social fazerem o seu próprio tratamento e ordenação, com os critérios por eles definidos.

Em abril de 2002, findo o mandato do Governo minoritário de António Guterres, sendo eleito em seu lugar Durão Barroso, do PSD, que nomeia David Justino para Ministro da Educação. Foi David Justino, muito mais favorável à publicação de rankings das escolas, que, pela primeira vez, encomendou à Universidade Nova de Lisboa um estudo que, seguindo com as listas dos rankings, contextualiza os resultados adicionando dados socioeconómicos das escolas nele presentes.

Esta medida, no entanto, não se repetiu nos restantes anos de 2003 e 2004, correspondentes aos anos do mandato do Governo de Durão Barroso, depois substituído por Santana Lopes até à dissolução da Assembleia da República pelo Presidente da República Jorge Sampaio. Durante os dois mandatos do Governo de José Sócrates, com Maria de Lurdes

³⁰ Parecer nº126 de 04/07/2001. A decisão pode ser consultada em <https://www.cada.pt/files/pareceres/2001/126.pdf>

Rodrigues e Isabel Alçada a cargo da pasta da Educação, os dados continuaram a ser divulgados em bruto, como tinha sido na primeira listagem de 2001 divulgada por um Governo PS.

Em 2012, o Ministério da Educação voltou a divulgar, juntamente com a lista dos rankings das escolas, dados relacionados com o contexto socioeconómico de cada escola, coincidindo com o regresso do PSD, coligado com o CDS-PP, ao Governo, com Nuno Crato na pasta da Educação. Desde então, esta tradição de divulgar valores socioeconómicos de cada escola, algo que cada órgão de comunicação social utiliza para criar formas diferentes de os integrar, tem-se mantido.

À data do relatório, os resultados dos exames de acesso ao ensino superior são publicados em Portugal pelo Ministério da Educação, liderado pelo ministro João Costa, em conjunto com vários indicadores socioeconómicos sobre as características de cada escola, escolhidos por cada órgão de comunicação social para realizar rankings.

Estes exames nacionais, reintroduzidos em 1993 para substituir o modelo das provas gerais de acesso, avaliam o desempenho dos alunos face a certas disciplinas que, de seguida, são utilizados como exames de acesso ao ensino superior no concurso nacional de acesso a esta fase de ensino.

Desde as mudanças implementadas em 2020, somente os exames nacionais necessários ao acesso ao curso pretendido por cada aluno são necessários para o acesso ao ensino superior. Por exemplo, se o curso pretendido pelo aluno requerer o exame de Português e Filosofia, o único exame que o aluno terá de realizar no 12.º ano para aceder a esse curso, é o de Português (o de Filosofia é realizado no 11.º ano).

Olhando para o caso dos rankings do *Público*, verificamos que os rankings de 2022 acolheram os valores da percentagem de alunos que não recebeu apoio da Ação Social Escolar, a habilitação média dos pais dos alunos e a idade média dos alunos do 12.º ano, dados de contextualização que, durante anos, não foram divulgados.

Para além destes valores, que são utilizados para a construção matemática do “valor esperado do contexto”, o próprio Ministério da Educação forneceu um “indicador de

equidade”, calculado, segundo o *Público*, através da “percentagem de alunos com apoio de Ação Social Escolar que integram a escola ou o agrupamento de escolas onde esta se insere que concluíram o ensino secundário dentro do tempo esperado, ou seja, em três anos”.

Todos estes fatores são tidos em conta na construção daquilo que é o ranking da superação, um ranking alternativo construído pelo jornal e sobre o qual me debruçarei mais à frente.

2. A noticiabilidade dos rankings

Uma das questões que se pretende compreender neste relatório também é qual o interesse dos rankings para o jornalismo e como produto nascido da atividade jornalística.

Para isso, teremos de olhar para os conceitos subjacentes àquilo que é noticiável, ou seja, a noticiabilidade. Mas como se define a noticiabilidade? Como se define o que deve ou não ser notícia? E onde se enquadram os rankings nestas teorias?

Nelson Traquina (2005) refere a noticiabilidade como “o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico”, ou seja os “critérios de noticiabilidade” são “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou assunto, é suscetível de se tornar notícia”, ou seja, que, por várias razões, que irão ser desenvolvidas, são passíveis de serem transformados em produtos noticiosos, sobre a forma de notícia ou outras formas noticiosas.

Galtung e Ruge listam a existência de doze valores-notícia (Traquina, 2005)

- a “frequência”, ou seja, a duração do acontecimento;
- a “amplitude do evento”;
- a “clareza ou falta de ambiguidade”;
- a “significância”;
- a “consonância”, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça;
- o “inesperado”;
- a “continuidade”, isto é, como valor-notícia consiste na ideia de que logo que algum acontecimento ou assunto atinja os cabeçalhos e seja definido como “notícia”, então

continuará a ser definido como notícia durante algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida.;

- a “composição”, isto é a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados;
- a “referência a nações de elite”;
- a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento;
- a “personalização”, isto é, a referência às pessoas envolvidas;
- a “negatividade”, ou seja, cumprindo a máxima “bad news is good news”.

Já Harcup e O’Neill adaptaram e acrescentaram estes critérios de Galtung e Ruge. Para estes autores, os critérios para a seleção de um determinado assunto como digno de ser tratado numa notícia são (Harcup e O’Neill, p. 16):

- A “exclusividade”, ou seja, histórias às quais os órgãos noticiosos obtiveram a informação primeiro ou que eles próprios criaram.
- As “más notícias”, num conceito semelhante aos apresentados por Galtung e Ruge, em que as peças com negatividade como mortes ou lesões, perdas causam um interesse em noticiar.
- O “conflito”, descrito como sendo “histórias que tratam conflitos como controvérsias, discussões, separações, greves, lutas, insurreições e guerras”
- A “surpresa”, ou seja, “histórias que têm o elemento surpresa” e que se destacam pela sua invulgaridade ou contraste
- Os “audiovisuais”, ou seja, histórias que têm fotos, vídeo, áudio ou que podem ter infografias a acompanhar
- A “shareability”, ou seja, a escolha de histórias que permitam que os conteúdos gerem partilhas, likes e interações.
- O “entretenimento”, forma de peças ligeiras com temas leves ou relacionadas com o lazer ou o humor
- O “drama”, histórias de um “drama em desenvolvimento, como fugas, acidentes, buscas, cercos, resgates, batalhas ou casos judiciais”
- O “seguimento, histórias sobre assuntos que já foram ou estão a ser noticiadas”

- A “elite do poder”. peças relacionadas “com pessoas poderosas, organizações, instituições ou empresas”.
- A “relevância”, peças sobre “grupos ou nações percebidas como influentes para o público, culturalmente ou historicamente familiares”
- A magnitude, “histórias percebidas como suficientemente significativas devido ao grande número de pessoas envolvidas ou ao impacto potencial, ou que envolvam um grau de comportamento extremo ou ocorrência extrema”.
- A “celebridade”,
- “Boas notícias”: Histórias com um tom particularmente positivo, como recuperações, avanços, curas, vitórias e celebrações.
- “Agenda da organização de notícias”: Histórias que estabelecem ou se encaixam na agenda da organização de notícias.

Traquina divide ainda os valores-notícia em dois grupos a que dá o nome de “valores de notícia de seleção” e os “valores notícia de construção”. Os valores notícia de seleção, refere Traquina, são os “critérios que os jornalistas utilizam na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia”, ou seja, aquilo que leva a um jornalista a escolher um determinado acontecimento como notícia. Já os valores notícia de construção são definidos como as “qualidades de construção de notícia”, funcionando como “linhas-guia” de elaboração da notícia, como o realce que determinada matéria é dada.

Traquina abre ainda uma subdivisão de tipos de valor-notícia de seleção: os “critérios substantivos” e “critérios contextuais”, recuperando a definição dada por Wolf. (Wolf, 1995 cit por Traquina, 2005)

Os critérios substantivos reportam-se “diretamente ao acontecimento que se irá ou não tornar notícia”. Ou seja, depende das “características do acontecimento” como o quão importante o acontecimento é, de quantas pessoas estão ou poderão estar envolvidas nesse acontecimento, “do impacto que tem no país” e de como este assunto se pode vir a desenvolver (Traquina, 2005)

Os critérios de seleção substantivos do valores-notícia, refere Traquina, são:

- a “proximidade”, quer em termos geográficos, mas também a nível cultural

- a “relevância”, definida por Traquina, como algo que “responde à preocupação de informar o público de informar os eventos que são importantes porque têm impacto na vida das pessoas.
- a “novidade”, considerada essencial por Traquina, sendo que “geralmente tem de haver algo de novo”
- O “tempo”, quer na forma dos eventos da atualidade, quer nas efemérides nos aniversários de um determinado evento.
- A “notabilidade”, ou seja, o evento é visível e tangível, têm efeitos visíveis e noticiáveis. Traquina destaca, em relação à notabilidade, vários registos:
 - a quantidade de pessoas envolvidas no evento;
 - a “inversão” da normalidade, ou seja, o
 - o insólito;
 - a falha;
 - o excesso;
- O inesperado”, “algo que irrompe e surpreende a expectativa da comunidade jornalística”, subvertendo a rotina e provocando “caos na sala de redação”.
- O conflito, “com violência física ou simbólica” entre várias forças da sociedade.
- A infração, ou seja, a “transgressão de regras” ou mesmo o crime
- O escândalo, em que o jornalismo funciona como o “cão guarda”

Já os critérios contextuais referem-se “ao contexto da produção da notícia” e que compreende os critérios que “implicam a análise das características relativas ao produto informativo”.

Estes critérios de seleção de construção, segundo Traquina são:

- a “disponibilidade”, ou seja, “a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento”, relacionada com a disponibilidade de recursos que os jornalistas e as redações possuem para realizar as peças.
- o “equilíbrio” da quantidade de peças que já se fez sobre um determinado assunto, levando a que certo assunto possa ser descartado pois já se noticiou sobre esse assunto há pouco tempo.

- A “visualidade”, mais relevante no jornalismo televisivo, por exemplo, relacionada com o facto de existirem “boas imagens” ou imagens suficientes para justificar a presença nas televisões.
- A “concorrência”, ou seja, o foco no facto de se aquela notícia é ou não um “furo”, algo que permite um jornal superar os seus concorrentes, por exemplo, assemelhando-se ao valor-notícia da exclusividade referidos por Harcup e O’Neill, referido supra.

Ora, após a contextualização teórica dos valores notícia, cabe aplicá-la à prática jornalística, no caso, à prática da publicação dos rankings das escolas. Onde é que os rankings se enquadram neste contexto? Quais são os motivos pelos quais o *Público* se comprometeu a esta procura pela publicação dos rankings em 2001, fazendo-o até aos dias de hoje? É o que farei mais adiante, no subcapítulo dos resultados que dedicarei aos valores-notícia.

3. Os Rankings como possível manifestação do cão de guarda jornalístico

Para os jornalistas, os rankings são vistos como uma forma de responsabilizar as escolas na sua ação e, podendo assim implementar melhorias nas suas ações, na sua organização, e na qualidade do ensino. Para além disto, apresentar e organizar as escolas pelas notas finais permitiria aos pais realizar melhores escolhas sobre que escolas deveriam as suas crianças frequentar, na hora da escolha. (Afonso, 2009).

Assim, existia a perspetiva de que a escola funcionaria como um “indicador” que faria com que as escolas se tornassem mais transparentes e mais analisáveis pela opinião pública, como espelho do sistema de ensino. Esta perspetiva encaixa numa das funções tradicionais do jornalista: o papel de inspecionar e de escrutinar as funções, órgãos e instituições do Estado, representando o povo enquanto entidade que questiona a ação dos governos e de quem está em posições de poder.

A ideia de que o jornalismo tem um papel no funcionamento do Estado de Direito Democrático é desenvolvida por Mário Mesquita (2003, cit. por Lopes, 2004) que afirma que “as instituições da imprensa são encaradas como parte integrante do sistema de pesos e contrapesos característico dos regimes democráticos”

Merton e Lazarsfeld (1948) apontam para três grandes características dos *media*, nomeadamente, a atribuição de status a personalidades, causas ou organizações, dando-lhes um “prestígio” que legitima o seu estatuto; a função de reforço das normas sociais, no sentido de utilizar o poder dos *media* para expor aqueles que são os “desvios” da norma, organizando sessões de “desmascaramento público” e a “disfunção narcotizante”, ou seja, a capacidade de provocar apatia política nas pessoas através do bombardeamento com informações polarizadas e dissonantes.

A função de reforçar normas sociais, mencionada pelos autores, é frequentemente enquadrada no jornalismo como um “quarto poder”, expressão primeiramente cunhada no século XIX, que o coloca lado a lado com os outros três poderes clássicos: executivo, legislativo e judicial. Porém, esta expressão, atualmente, é considerada datada e incorreta por muitos. Mesquita, por exemplo, afirma que falta um “centro decisório unificado e coerente”, característico dos outros poderes, apontando ainda o curto “grau de autonomia dos *media* e do jornalismo” (Mesquita, 2003, cit. Lopes, 2004)

Neveu (2000, cit. por Rocha, 2012) aponta também que autonomizar o jornalismo com um poder essencial ao funcionamento democrático é uma “visão ingénuas dos poderes sociais”, esquecendo “os interesses económicos e os grupos de pressão” e que “no decurso da História todos os poderes sociais souberam adaptar-se a uma relação simbiótica com o jornalismo”.

Durante o processo administrativo de obtenção dos rankings, como já foi analisado, o maior argumento utilizado foi a ideia da liberdade de acesso face a um Estado que resistia a divulgar um documento. Assim, pode ser considerado que a primeira elaboração dos rankings resulta de um confronto com o Estado, que não pretendia divulgar a informação que serve de base para a construção jornalística. Esta pressão foi pública, como já exemplificamos previamente, sendo assumida através de vários editoriais e nas próprias ações administrativas.

O trabalho jornalístico, no caso da realização dos rankings, pode-se considerar como uma tentativa de exercer um “contrapoder” face ao Estado e, mais especificamente, face ao Governo. A queixa do jornal à CADA serve como choque fulcral entre o jornal e o Estado.

Outro argumento que pode ser utilizado para enquadrar a realização dos rankings na função de “cão de guarda” do jornalismo são os próprios objetivos assumidos pelo jornal para a realização dos rankings: o escrutínio, numa primeira instância, do trabalho realizado nas escolas e, depois, da ação do Estado ou falta de ação deste numa determinada escola.

Assim, ao realizar os rankings, poder-se ia afirmar que o jornalismo funcionaria como força de escrutínio de ação destas escolas, sendo que, na sua maioria, as escolas escrutinadas são públicas, pelo que a sua ação poderá ser afetada através de uma má gestão do Estado a nível particular ou a nível sistemático.

4. As críticas e argumentos a favor dos rankings

Os rankings causaram desde a sua origem uma intensa discussão sobre os efeitos na qualidade do ensino em Portugal. Para os críticos, os rankings são o resultado de uma mudança de orientação para um “quase mercado” que originou na mudança de paradigma político no Reino Unido, com a subida ao poder de Margaret Thatcher na década de 80 do século XX e que implementou um programa ideologicamente neoliberal a nível educacional (Neto Mendes, Costa e Ventura, 2003).

Segundo Quaresma e Villalobos (2016), a publicação dos rankings aumentou o “enfoque nos resultados de alunos, professores e escolas, o reforço dos mecanismos de avaliação e *accountability*, a implementação de formas de competição e mensuração”, algo que consideram ser “alguns dos sinais da emergência no contexto português desse novo paradigma de educação”.

No entanto, este reforço da transparência e forma de escrutínio permitiria, para os proponentes dos rankings, “fomentar o regresso da cultura de mérito e de excelência aos estabelecimentos de ensino, mas também facultar aos pais os indispensáveis termos de comparação objetiva sobre a eficácia das diferentes escolas públicas e privadas para que pudessem praticar o exercício esclarecido da parentocracia, escolhendo livremente a escola” (Cotovio, 2004, cit por Quaresma e Villalobos, 2016). Assim, os pais teriam escolhas mais informadas sobre que escolas oferecem a melhor qualidade de ensino aos seus filhos, através dos resultados.

Segundo Camejo (2016) a “crença” em que se baseiam os apoiantes publicação dos rankings “a mera publicação dos resultados tem vindo a ‘mexer` com o meio escolar” (Justino, 2005 cit. por Lima, 2008). Ou seja, a crença dos proponentes dos rankings era que as escolas e os professores melhorariam o seu desempenho por força do “temor de perder alunos e o receio das punições do Ministério”, algo que traria “benefícios para a globalidade do sistema educativo”, embora haja uma admissão de que a publicação prejudica “injustamente muitas escolas localizadas nos últimos lugares das listas” e premeie imerecidamente outras tantas colocadas sem grande esforço nas suas posições de topo.

Em sentido contrário, os rankings podem ser vistos de uma outra perspetiva. Críticos do sistema de rankings apontavam que esta igualização provém de uma mercantilização do ensino, no aspeto em que coloca as escolas numa conceção de mercado em que os pais devem poder escolher em que escola devem os seus alunos andar.

A própria conceção de que os rankings ofereciam uma sensação de potencializar os pais seria também afastada, sendo que, segundo os críticos dos rankings, o facto de os colégios, muitas vezes caros, estarem constantemente no topo, aponta para um problema fundamental: “mesmo que todos tenham acesso à informação, só alguns conseguem verdadeiramente aceder a essas escolas” (Neves, Pereira e Nata, 2012).

Janela Afonso (2019) ressalva os rankings como uma “indução de lógicas de mercado” afirmando que estas são “muitas vezes conseguidas através de formas de comparação e competição espúrias”. Para o autor, os rankings funcionam como “mecanismos de privatização e de mercantilização” do ensino, e que desvalorizam aquela que considera ser o verdadeiro ensino que se compromete com os “princípios da igualdade real de oportunidades para todos, da pluralidade de excelências, da justiça educacional e da cidadania democrática”: a escola pública.

O mesmo autor aponta também críticas à centralização dos métodos de avaliação nos exames nacionais, que apresentam uma avaliação estandardizada, como forma de analisar o Estado e averiguar qualquer prestação de contas face a objetivos dos atores do sistema educativo, referindo que os exames podem “cumprir alguns objetivos importantes, mas não estes”.

Já para Portugal e Melo (2007), esta mercantilização do sistema de ensino poderia servir um propósito ainda mais obscuro, afirmando que o produto noticioso é encarado mesmo como “informação-mercadoria” que também serve os interesses dos grupos industriais e financeiros”, levantando questões sobre se a procura de produção mediática tem também origem nas “pressões exercidas pelos acionistas proprietários” e se esta questão se aplica aos rankings sendo que “através da construção destes temas e do seu agendamento para a ‘praça pública’ foi possível obter-se bastante informação que originou a construção de mais informação passível de ser publicada ao longo de bastantes meses”, questionando se a

decisão editorial do jornal de adotar esta batalha pela que se demorou por vários meses e que trouxe a possibilidade de produção noticiosa por muito tempo.

Mas serão os resultados nos rankings um motivo que é levado em conta para escolha das escolas para os seus filhos?

Olhemos para um caso de estudo internacional: a Irlanda. Na Irlanda, o Governo não divulgava quaisquer informações de resultados de exames ou dados com valores acrescentados, deixando assim aos jornais a realização de rankings rudimentares, baseados nas percentagens de alunos que entraram nas universidades ou em outros estabelecimentos de ensino superior por cada escola de nível secundário. Na Irlanda, não existe um sistema de ensino do Estado que coloque os alunos em cada escola, deixando aos pais a iniciativa de realizarem as candidaturas às escolas, que têm variados critérios de aceitação.

É neste panorama que analisaremos o estudo realizado por Doris, O'Neill e Sweetman (2022), que a partir de um universo de 4577 estudantes em 388 escolas irlandesas investigou os impactos dos rankings na escolha dos pais nas escolas em que inscrevem os seus filhos. Os resultados do estudo indicam que as escolas que apresentam melhores valores sem qualquer valor acrescentado, ou seja, sem qualquer cálculo com indicadores de contexto como problemas de literacia, problemas emocionais nos alunos ou tamanho da escola, sofreram excessivas inscrições para o número de vagas. Pelo contrário, as escolas com melhores posições nos rankings de valor acrescentado, não verificaram esse fenómeno de excesso de inscrições.

Após a análise dos dados, uma das conclusões retiradas é que os pais inscrevem os seus filhos nas escolas mais bem cotadas a nível de resultados brutos, neste caso, dos exames sem terem em conta os contextos das escolas.

Já em Portugal, pode-se olhar para a investigação de M. Santos (2020) que analisou a influência dos rankings nas escolhas dos pais em duas escolas privadas do Porto, com características diferentes (referidas como Escola A e B).

Realizando um questionário, a autora obteve resposta de 79 pais dos 4º, 6º e 9º anos de ambas as escolas a várias perguntas sobre o impacto dos rankings e a sua visão dos

rankings. Analisando os resultados, a vasta maioria dos pais considera que os rankings devem ser realizados e veem vantagens na sua realização. No entanto, só quatro dos pais, todos da Escola A, consideram que os rankings afetam a sua escolha nas escolas.

O estudo concluiu ainda que, na amostra analisada, a maioria dos pais entrevistados aponta que quando há uma colocação menos boa nos rankings nas escolas, apesar de ser algo que é consultado por curiosidade, não é visto como base para mudarem os seus filhos de escola.

III. Cobertura dos rankings pelo jornal *Público*

1. Metodologia do estudo

Tendo em conta toda a controvérsia sobre a publicação dos rankings das escolas, tema que também me interessa particularmente, decidi levar a cabo uma análise à cobertura do *Público* para entender como é que o jornal tratou a matéria dos rankings desde o primeiro ano da sua realização.

Desta forma, pretendi descobrir e explorar quais foram os destaques, como é que os jornalistas organizaram os jornais e como é que a cobertura foi sendo alterada e ajustada à evolução histórica que já explorei.

Assim a pergunta subjacente a este relatório é: Como evoluiu a cobertura do *Público* ao longo dos 22 anos da sua realização?

Dentro desta macro-questão, procuraremos responder ainda a três subquestões que aqui residem:

- Como foi organizada a cobertura noticiosa dos rankings ao longo dos anos?
- Que escolas e que temas foram sendo dados como destaque?
- Que géneros jornalísticos foram mais utilizados?

Para realizar esta análise, decidi fazer uma escolha de algumas edições do *Público*, ao longo de todos estes anos. O primeiro ano foi 2001, ano em que foram divulgados os primeiros rankings das escolas, passando depois por 2006, 2011, 2016 e 2022.

Tratando-se de um estudo de caso, no âmbito de um relatório de estágio de mestrado, pareceu-me que esta amostra podia dar uma ideia da evolução da cobertura do tema, sem o peso de uma análise exaustiva dos 22 anos de rankings, tarefa dificilmente realizável no tempo disponível para escrita do relatório. Estes anos representam, também, diferentes épocas da atividade política em Portugal, que se refletiram em opções que afetaram a evolução dos rankings e da sua divulgação.

O segundo passo desta análise passará por dissecar cada edição do jornal, apontando o género de cada peça jornalística, percebendo também o espaço e relevo dado à presença dos gráficos e das tabelas em cada ano.

As categorias escolhidas são:

- Notícia - Peças básicas de notícia de alguns eventos relevantes em cada ano ou em cada micro-temática específica dos rankings.
- Reportagem - Peças de enfoque em assuntos concretos, maioritariamente escolas e casos concretos, onde é clara a presença do jornalista no local.
- Entrevista - Peça de pergunta-resposta, normalmente com uma personalidade relevante.
- Editorial – Peça de opinião do diretor do jornal.
- Infografia - Toda o tipo de informação que é disposto em formato gráfico, nomeadamente dados (Tabelas, gráficos, mapas).
- Tabela de rankings - Tabelas que ordenam os resultados dos exames de acesso ao ensino superior das escolas secundárias e colégios.
- Análise - Análise aos resultados, intituladas “Análise” pelo próprio jornal.
- Tabela complementar – Tabelas anexas à cobertura jornalística.

Por cada ano, far-se-á uma análise dos conteúdos da cobertura dos rankings, face aos destaques que cada edição do jornal dá em cada peça e o tipo de peça escolhido.

Em algumas peças, pode-se considerar que existe uma composição, por exemplo, uma notícia com uma infografia integrada. Nestes casos, contar-se-á como notícia e infografia. Por fim, tentaremos ainda perceber as razões por trás da seleção e organização destas coberturas. Para o efeito, realizarei entrevistas a dois jornalistas fundamentais ao longo dos anos para a realização dos rankings nos anos selecionados: Andreia Sanches e Rui Barros.

Andreia Sanches é jornalista do *Público* desde 1996 e passou vários anos como jornalista de educação. Atualmente é diretora-adjunta do jornal, mas participa, desde os primeiros rankings, na sua elaboração.

Rui Barros é jornalista de dados e trabalha no *Público* desde 2020. Desde que entrou no jornal que participa na realização dos rankings, no ponto de vista jornalístico e de tratamento de dados.

2. Análise às coberturas dos rankings das escolas nas edições selecionadas

Neste capítulo procederei à apresentação dos resultados das análises aos jornais destacados no capítulo anterior.

Ano da publicação do jornal	Nº de páginas dedicadas
2001	22
2006	39
2011	32
2016	48
2022	32

Neste quadro, verificamos que o ano de 2001 está claramente abaixo no número de páginas no qual o assunto foi desenvolvido: 22 páginas (destacável incluído). O ano de 2016, pelo contrário, foi o que teve maior número de páginas dedicadas ao assunto.

Em 2011 e 2016, por causa da realização de rankings dos exames do básico, o número de páginas dedicadas ao tema manteve-se alto, especialmente em 2016, com um destacável de 48 páginas.

Em 2022, os valores desceram novamente para as 32 páginas, o mesmo número de 2011.

Quadro 2. Presença dos rankings na primeira página

Ano	Presença na primeira página e Título	Tópicos destacados na primeira página	Referências a escolas públicas	Ref. a escolas privadas
2001	Manchete: <ul style="list-style-type: none"> “A Lista” 	<ul style="list-style-type: none"> “26 das 30 melhores médias nas provas mais concorridas estão na Grande Lisboa ou no Grande Porto” “Oito privadas entre as dez escolas mais bem classificadas” “A opinião de António Barreto” 	0	1
2006	Manchete: <ul style="list-style-type: none"> “Oito escolas públicas entre as 2 primeiras do ranking” 	<ul style="list-style-type: none"> “Médias das escolas no topo da tabela nunca foram tão baixas”; “Aurélia de Sousa (Porto) é a secundária pública com ensino regular mais bem colocada”, “Concelhos do interior concentram as médias mais negativas”, “Análise dos resultados e reportagens nas escolas nos extremos da lista ordenada”, “Personalidades recordam como era a escola no seu tempo”. 	2	0
2011	Co-destaque: <ul style="list-style-type: none"> “Rankings das Escolas” 	<ul style="list-style-type: none"> Não há escolas públicas no top 20 das melhores médias dos exames Houve uma que pagou aos alunos para eles terem melhores notas Entrevista a Gert Biesta, um crítico: “A publicação das listas tem colocado os professores numa situação difícil.” O mistério das notas internas 	2	0
2016	Co-destaque: <ul style="list-style-type: none"> “Escolas públicas mais desfavorecidas destacam-se no “ranking do sucesso” 	<ul style="list-style-type: none"> Uma escola de maioria africana está entre as dez melhores a Português Reportagens em escolas que tornaram “a fraqueza da ruralidade uma força” Dois terços das escolas que mais inflacionam notas são privadas 	2	0
2022	Co-destaque: <ul style="list-style-type: none"> “Escolas públicas de Lisboa, Coimbra e Porto fora do top 50 da lista do PÚBLICO” 	<ul style="list-style-type: none"> “No Algarve dos turistas o sucesso escolar pode ser uma miragem” “O colégio n.º 1 nos exames está em Paços de Ferreira” “José Verdasca “O insucesso de um aluno é o insucesso da escola, mas também da família e do município”” 	1	1

Em 2001, a primeira página da edição do jornal de 27 de agosto teve como manchete principal a divulgação dos rankings com o título em letras garrafais: “A Lista”.

Já em 2006, o destaque de manchete mantém-se com o destaque dado a “Oito escolas públicas entre as 2 primeiras do ranking”.

A partir de 2001 e em 2016 e em 2022, os rankings da escola passam a um estatuto de co-destaque, na medida em que não são a manchete principal, em cores garrafais, mas têm uma presença visível nas primeiras páginas, ocupando metade da página e tendo um grafismo especiais.

Em 2016, o título dado é “Escolas públicas mais desfavorecidas destacam-se no “ranking do sucesso” e, em 2022, é “Escolas públicas de Lisboa, Coimbra e Porto fora do top 50 da lista do PÚBLICO”.

No primeiro ano, o grande destaque é dado à lista em si, algo que não aconteceu nos outros anos. Aqui terá havido o efeito da novidade como o grande chamariz, depois de uma luta do jornal para os obter. Nos outros anos, esgotando-se a novidade inicial, passa-se a destacar ocorrências diversas às quais o jornal decidiu dar destaque.

Quadro 3. Tipo de escolas destacadas.

Ano do jornal	Menções a escolas privadas	Menções a escolas públicas	Menções a ambos	Total
2001	1	0	3	4
2006	4	6	3	12
2011	1	3	1	5
2016	1	3	1	5
2022	1	3	1	5

Neste quadro pretende-se avaliar quais foram os tipos de escolas com mais destaque em cada ano de cobertura dos rankings.

Na realização deste quadro, trata-se as peças de “Sobe e Desce” como peças individuais, não as dividindo nas várias notícias que a compõem (como se verá que acontece no quadro 5).

Olhando primeiro para 2001, verificamos que o foco em escolas individuais foi inferior nesse ano, com um destaque principal para a reportagem efetuada no Colégio do Sagrado Coração de Maria, o primeiro lugar nos rankings.

Em 2006, o número total de peças que têm como foco na escola pública aumenta juntamente, passando para 6 peças sobre a escola pública.

Em 2011, 2016, 2022, denotou-se uma estabilização do número de peças dedicadas a cada tipo de escola, pública ou privada.

Quadro 4. Frequência das reportagens

Ano do jornal	Reportagem
2001	1
2006	5
2011	2
2016	6
2022	6

Desde 2001, pode-se observar um aumento constante da utilização da reportagem, logo após a primeira edição. A partir de 2006, uma pluralidade de reportagens vai surgindo com um especial enfoque a partir de 2016, quando o valor se mantém nas 6 reportagens.

Segundo Andreia Sanches, a divulgação de indicadores de contexto em 2012 desencadeou novas oportunidades de reportagem com base nos resultados dos rankings: A partir do momento em que começámos a ter informação sobre os dados de contexto começámos também a ir às escolas que mais superaram os resultados previstos para o seu contexto. Ou a escolas que estavam pior ou que sistematicamente estavam mal”, relembra a jornalista, afirmando ser este ainda um dos critérios atuais para se realizar uma reportagem.

No entanto, a jornalista frisa que foi uma opção fazer só uma reportagem em 2001, mas que não foi a única peça do jornal em que destacaram escolas, apontando para as várias notícias realizadas.

O aumento do tempo para tratar a informação depois dos rankings de 2001 pode ser apontado como um fator que se deve ter em conta sendo que, segundo a jornalista, não foi muito.

Quadro 5. Frequência das notícias nas edições dos vários anos

Ano do jornal	Notícia
2001	9
2006	22
2011	23
2016	14
2022	7

Nota-se ainda uma instabilidade na presença da notícia que varia consoante os anos, com destaque para os anos de 2006 e 2001, números inflacionados pela existência das secções que agrupam breves notícias sobre várias escolas.

A notícia teve uma evolução significativa entre 2001 e 2006, passando de nove a 22 ocorrências na cobertura dos rankings.

Alguns dos maiores responsáveis para o crescimento, nesta tabela, são o surgimento das peças de sobe e desce e a manutenção na cobertura das análises efetuadas em 2001 das eventualidades que ocorreram por disciplina. O surgimento dos rankings para o ensino básico em 2011 aqui também contabilizados permitiram uma manutenção apesar da queda em desuso das pequenas notícias por disciplina.

Quadro 6. Frequência dos textos de opinião nas edições dos vários anos

Ano do jornal	Opinião	Opinião a favor	Opinião contra	Ambas as visões
2001	2	1	0	1
2006	2	1	1	0
2011	1	1	0	0
2016	0	0	0	0
2022	2	1	1	0

A opinião, enquanto representação dos vários pontos de vista face aos rankings, é uma constante em quase todos os rankings.

Tirando em 2016, todos os anos tiveram a presença de textos de opinião ou crónicas relativas a alguns aspetos dos rankings, nunca passando das duas presenças da opinião.

Em 2001, o destaque foi dado para a opinião na primeira página com um texto de António Barreto, que teve uma opinião favorável. No jornal também tem uma tabela de prós e contras em que apresenta várias frases com posições a favor e contra os rankings.

Em 2006, foram publicadas duas peças, uma favorável e outra crítica dos rankings. Já em 2011, surgiu só uma peça, favorável.

Por fim, em 2022, estão presentes duas peças, uma a favor e outra contra.

Quadro 7. Frequência dos textos de análise nas edições dos vários anos

Ano do jornal	Análise
2001	0
2006	0
2011	1
2016	2
2022	2

O texto de análise, efetuado por jornalistas ou por docentes da Universidade Católica Portuguesa, é um estilo de peça que surge em 2011, nos terceiros rankings em análise. Este estilo baseia-se na análise geral ou particular a determinado resultado. Já em 2016 e 2022, o número sobe para dois.

A análise surge como peças indicadas assim pelo jornal para dissecar alguns pontos específicos ou mesmo explicar como funcionam alguns fatores implicados no tratamento dos rankings, como em 2016.

Quadro 8. Frequência das entrevistas nas edições dos vários anos

Ano do jornal	Entrevista
2001	1
2006	0
2011	1
2016	0
2022	3

A entrevista é um tipo de peça que surge esporadicamente ao longo do tempo na realização dos rankings, não sendo um foco principal na cobertura.

A nível de ocorrências, estas não ultrapassam as duas peças sendo que em dois anos, 2006 e 2016, não houve qualquer entrevista na cobertura.

Já em 2001 e em 2011, houve somente uma entrevista em cada edição. Em 2022, houve um aumento e realizaram-se três entrevistas.

As entrevistas, normalmente, são realizadas para focar personagens específicas do sistema educativo ou, como ocorreu em 2011, um professor que se especializou na matéria.

Em 2022, o aumento deveu-se à aposta numa entrevista ao diretor do colégio privado que atingiu a primeira posição, ao Caso de Estudo, uma secção dos rankings focalizada numa determinada região face aos valores que apresenta, neste caso, no Algarve e que levou a fazer mais uma entrevista a um responsável da educação na região e ao coordenador do Programa de Promoção do Sucesso Escolar.

Quadro 9. Frequência das infografias nos vários anos

Ano do jornal	Infografia
2001	2
2006	1
2011	18
2016	25
2022	17

A infografia é uma forma de peça jornalística que utiliza vários mapas e gráficos que ilustram e contextualizam os dados apresentados nas tabelas.

Em 2001 e 2006, os primeiros dois anos, a infografia surgia de forma incipiente e com poucas ocorrências, com duas infografias em 2001 e uma infografia em 2006.

A partir de 2011, ocorre um *boom* na utilização da infografia nos rankings. Neste ano o salto é de uma ocorrência na edição de 2006 para 18 na edição de 2011. Este crescimento acontece à medida que os dados se vão complexificando e aumentando, muito por conta do já mencionado aumento do número de dados fornecidos pelo Ministério da Educação depois de 2012.

A evolução dos meios digitais para a apresentação e criação das peças noticiosas com cariz gráfico, acaba por impulsionar este crescimento, algo que permite a fácil apresentação de dados de forma visual, uma ferramenta que o *Público* começa a usar fortemente a partir de 2011.

Para Rui Barros, o jornal tem feito “uma aposta grande nos trabalhos de dados para além da simples tabela”, algo que destaca, sublinhando ainda a pluralidade de perspetivas possíveis para a realização dos rankings: “No fundo, os rankings pode ser o que uma pessoa quiser, depende para onde uma pessoa está a olhar”, afirma.

Quadro 10. Frequência das tabelas complementares nas edições dos vários anos

Ano do jornal	Tabela complementar
2001	2
2006	11
2011	8
2016	2
2022	7

Nesta análise distinguimos ainda as tabelas principais dos rankings onde estão listados todos os resultados, das tabelas complementares, associadas a outra peça ou autonomizadas.

Estas tabelas são utilizadas para apresentar resultados mais resumidos ou com um foco específico num determinado critério ou nos resultados de um determinado estabelecimento de ensino.

A tabela complementar ocorre duas vezes em 2001, iniciando um caminho de crescimento (10 em 2006, oito em 2011) que é, no entanto, interrompido em 2016, com um decréscimo para duas tabelas. Em 2022, o número de tabelas complementares recupera terreno para as sete ocorrências.

Quadro 11. Distribuição dos vários tipos de peça pelas edições selecionadas.

<u>Ano</u>	Report.	Notícia	Entrev.	Análise	Opinião	Editorial	Infograf.	Tab. complement.
2001	1	9	1	0	2	1	2	2
2006	5	22	0	0	2	1	1	11
2011	2	23	1	1	1	1	18	8
2016	6	15	0	2	0	0	25	2
2022	6	7	3	2	2	0	17	7

IV. Conclusões

Face aos resultados apresentados no capítulo anterior, exporei aqui a análise aos resultados da investigação e principais conclusões que retiro da investigação realizada.

As conclusões são retiradas do resultado da análise às cinco edições selecionadas do jornal *Público*, em conjugação com as entrevistas realizadas aos jornalistas Andreia Sanches e Rui Barros.

Para além disto, analisaremos outras conclusões retiradas da revisão bibliográfica em conjunto com as entrevistas.

1. Como foi organizada a realização e a cobertura noticiosa dos rankings ao longo dos anos?

Após a investigação efetuada, verificamos que a cobertura dos rankings teve várias variações ao longo dos anos. Desde logo, em relação à presença dos próprios rankings verifica-se que o destaque dos rankings na primeira página do jornal decresce ligeiramente desde os primeiros anos dos rankings.

No entanto, verifica-se uma notável diferença quanto à presença dos rankings na organização dos próprios jornais entre os primeiros rankings, publicados em 27 de agosto de 2001, e os rankings publicados nos restantes anos.

Enquanto, em 2001, as peças noticiosas estavam concentradas no início das páginas do jornal na secção do Destaque e as tabelas completas destacadas, nos restantes anos, as páginas passaram a estar concentradas num caderno suplementar, juntando peças noticiosas.

Segundo Andreia Sanches, esta alteração da disposição não se deveu a um menor destaque dado aos rankings ao longo do jornal.

“A razão pela qual os rankings passaram para o caderno é o facto de se ter tornado numa empreitada enorme e nós achávamos, verdadeiramente, que não fazia sentido separar metade de uma abordagem no destaque e metade num suplemento”, disse.

“O suplemento de 2001 tinha 16 páginas, com mais oito páginas de destaque. Nos últimos anos, estamos a fazer suplementos que andam à volta das 46. Passámos a fazer suplementos gigantes porque os ângulos de análise foram aumentando cada vez mais - a certa altura começamos a ter também para o ensino básico e com cada vez mais informação”, acrescenta a jornalista.

Quanto à questão sobre se os rankings perderam destaque, Andreia Sanches diz que não e que os rankings sempre foram “o tema principal da primeira página do jornal desse dia, até hoje”.

A partir da edição de 2011 e de 2016, iniciaram-se alterações às próprias tabelas dos rankings que os distinguem dos primeiros dois anos analisados e que contribuem para o aumento do número de páginas dedicadas ao assunto.

Em 2011, surge uma alteração fundamental face aos primeiros dois anos em análise: o *Público* passa a fazer, ao todo, dois rankings do ensino secundário com os nomes de R1 e R2: o R1 inclui todas as escolas e o R2 inclui só as escolas com 50 exames ou mais. É neste ano ainda que os rankings do ensino básico surgem pela primeira vez, duplicando desde já o número de rankings efetuados para as notas obtidas pelos alunos nos exames de 9ºano.

Mas, o grande salto ocorre mesmo em 2016. A partir desta edição, o cálculo dos rankings complexifica-se ainda mais, passando a ter em conta, como já foi referido, os dados socioeconómicos dos alunos em cada agrupamento de escolas públicas (excetuando escolas das regiões autónomas).

Os três indicadores socioeconómicos utilizados em 2016 foram a percentagem de alunos que não recebem apoio no âmbito da Ação Social Escolar em cada agrupamento e habilitação dos pais dos alunos “em número médio de anos de escolaridade”. Já em 2022, acrescenta-se ainda a idade média dos alunos, como um dos fatores.

A partir destes indicadores, o *Público* cria três contextos nos quais estão inseridas as escolas: um desfavorável, um intermédio e um favorável. É comparando cada escola face ao contexto que se insere que se calcula a sua posição no ranking da superação. Andreia Sanches considera que a introdução destes indicadores foi “um passo gigante”:

“De repente, temos ali, escola a escola, um conjunto de dados que nos permitem perceber se aquela escola tem uma comunidade mais desfavorecida, menos desfavorecida, com alunos com mais repetência ou menos repetência”, afirma a atual diretora-adjunta do *Público*.

Ao longo das entrevistas, os jornalistas do *Público* apontaram ainda algumas dificuldades no trabalho que é realizado nas bases de dados, face a esta complexificação constante dos rankings.

Segundo Andreia Sanches, é uma “enorme empreitada” trabalhar estas bases de dados “porque há uma série de problemas técnicos nas bases de dados que nos são

facultadas. Elas não casam facilmente umas com as outras, a informação está dispersa”, o que confessa ser algo que “dificulta imenso o seu trabalho”.

Para a jornalista, os rankings são mesmo o “trabalho mais difícil” para os jornalistas de educação por envolver “pessoas com diferentes competências” e “um trabalho estatístico que não é comum no tipo de trabalho normal que se faz numa redação”. Segundo Andreia Sanches, uma das principais dificuldades no trabalho jornalístico dos rankings é mesmo “trabalhar dados sem cometer erros”, especialmente quando se trata de uma pluralidade de bases de dados, e “refletir” e “justificar” de forma constante as opções que são tomadas, face ao que se destaca ou ao que se analisa.

Para Rui Barros, o maior desafio é mesmo ainda a falta de dados: “Só conseguimos trabalhar com aquilo que nos é fornecido. Obviamente, muitas vezes temos muito aquela ambição de que era muito mais interessante perceber mais isto e mais aquilo, mas estamos limitados a esses dados. (...) O grande desafio é mesmo esse, batemos agora contra uma parede porque não há mais informação e gostaríamos de a ter, mas não existe.”

Pode-se, então, concluir que ocorreu, ao longo dos anos, um aumento da cobertura e do trabalho implicado na criação dos rankings. Este aumento de cobertura deveu-se ao aumento do número de informações e a complexificação dos valores apresentados com os rankings das escolas, movimento que se intensificou a partir de 2012.

Estes novos dados vieram alterar profundamente toda a organização e a própria estrutura geral dos rankings desde o tamanho de páginas que toda a cobertura noticiosa ocupa no contexto do jornal e aumentaram aquilo que já era, para Andreia Sanches, um “manancial de informação”.

2. Que géneros jornalísticos foram mais utilizados?

Desde a primeira edição dos rankings, uma das maiores evoluções de um tipo de peça mais importante foi da reportagem. Em 2001, a única reportagem efetuada foi no Colégio Sagrado Coração de Maria, à altura a escola do primeiro lugar dos rankings. No entanto, nos restantes rankings a reportagem toma uma importância cada vez maior, representada principalmente pelo crescimento dos números ocorrências das reportagens entre 2001 e 2006.

Para Andreia Sanches, a reportagem tornou-se essencial para a realização dos rankings. Segundo a jornalista, as reportagens funcionam como forma de atingir aquilo que o jornal pretende com os rankings.

“Porque o que nós também pretendemos com os rankings, é mostrar escolas que surpreendem nos resultados que têm, darmos-lhes voz para explicar o que fazem, e assim dar o nosso pequeno contributo para inspirar outras, e para inspirar decisores políticos com as boas ideias que podem retirar dessas escolas que se superaram”, acredita.

A notícia também foi uma das pedras basilares da cobertura noticiosa dos rankings, servindo para contar algumas das histórias que, apesar da sua relevância, não foram alvo de reportagem. Os números são especialmente aumentados pelo Sobe e Desce, uma compilação de peças anual realizada desde 2006, que une várias escolas que apresentaram subidas e descidas.

A tabela complementar e a Infografia foram também um dos estilos de peça com um maior crescimento desde 2001. A infografia verificou, especialmente, uma explosão na sua utilização entre os dois primeiros anos analisados, passando de uma parca utilização (duas e uma em 2001 e 2006, respetivamente) para ser um dos tipos de peças mais utilizadas a partir de 2011 até aos dias de hoje.

No entanto, na análise realizada, verificou-se uma relação entre as infografias e as tabelas complementares. Em 2016, quando cresceu a infografia, face a valores semelhantes no ano anterior e no ano seguinte, as tabelas complementares decrescem. Já em 2011 e 2022, a tabela complementar cresceu e a infografia decresceu.

A infografia cresceu exponencialmente, também, quando se introduz um maior número de dados em análise. A partir de 2011, com o aumento das informações disponíveis no tratamento de dados e que anteriormente já mencionámos, há também um acréscimo de informações a serem tratadas. Rui Barros, como já foi mencionado, referiu que o *Público* tem feito “uma aposta grande nos trabalhos de dados para além da simples tabela”: “No fundo, os rankings podem ser o que uma pessoa quiser, depende para onde uma pessoa está a olhar”, sublinhando que há várias perspetivas para onde olhar para os rankings.

No tocante aos textos de opinião, verifica-se que, em cada ano, há pelo menos um texto de opinião, embora nunca se ultrapassem os dois textos. A entrevista e a análise são os outros tipos de peça menos utilizados ao longo dos anos dos rankings.

3. Que temas e tipos de escolas foram sendo dados como destaque?

Durante a análise dos dados, coube ainda perceber que temas e escolas foram sendo destacados ao longo de toda a cobertura do *Público*. Algumas das críticas detetadas, especialmente nos primeiros anos, foram de um excessivo destaque dado aos colégios privados, para muitos “inatingíveis” devido às óbvias barreiras económicas.

Porém, olhando para os dados recolhidos verificamos que as peças noticiosas produzidas a partir das tabelas (que, de facto, apresentam as escolas privadas nos lugares cimeiros) acabam por demonstrar que houve um enfoque na escola pública, com mais peças realizadas sobre esta em relação à escola privada.

Primeiramente olhemos para a primeira página. As primeiras páginas em todos os jornais têm um subtítulo e vários tópicos de destaque. Em todas as primeiras páginas de todos os anos, só há duas peças em que o ensino privado é mencionado, face a uma maioria de três peças que mencionam uma escola ou o ensino público, em geral.

Olhando para o interior das edições analisadas, verificamos que, nas peças que mencionam apenas um tipo de escola, as públicas foram a maioria das escolas mencionadas em todos os anos, sendo que um bom número de peças menciona ambas as escolas.

Segundo a jornalista Andreia Sanches, há um objetivo de “procurar equilíbrios entre público e privado”, mas considera que esse não é possível: “Vamos sempre a mais escolas públicas do que privadas, até porque as privadas não é assim tão surpreendente que tenham resultados melhores. E um dos critérios do jornalismo também é “o que é mais surpreendente”, para o bem e para o mal”.

Rui Barros concorda com a diretora-adjunta do *Público*, apontando o facto de a escola pública “ter mais dados e mais informação que a escola privada”: “Também arriscaria dizer que, enquanto a escola pública é de todos nós, a escola privada é uma instituição privada e toma as suas decisões. Isto não quer dizer que a escola privada esteja murada e que impedem que as diretivas do Ministério da Educação se apliquem, não é isso. Mas não estão sobre a alçada direta do Ministério da Educação dessa forma”.

Como é que o *Público* escolhe, então, as escolas para realizar reportagens em cada edição dos rankings? Andreia Sanches aponta vários critérios. Primeiramente, destacam-se “escolas que ocupam a primeira posição, seja ela pública ou privada”. Ir a uma que se destaca no ranking geral das notas, ir lá falar com o diretor e ver os alunos.

Depois, outro dos critérios para a jornalista é “ir à escola pública que mais se destaca nas notas. Sobretudo se for uma escola nova que apareça pela primeira vez no primeiro lugar das escolas públicas”.

Outro critério usado são escolas que “fizeram progressões ou registam descidas muito acentuadas”. A jornalista aponta o exemplo da reportagem efetuada em 2006 à Escola Secundária Professor António Natividade, que tinha estado no 206º lugar, mas que tinha caído para o último lugar da tabela.

“O que é que aconteceu nesta escola para ter descido 400 lugares? O que é que aconteceu aqui, porque é que isto aconteceu? Os professores mudaram? Os alunos mudaram? Têm outras comunidades escolares? O que dizem os diretores, é preciso uma intervenção mais musculada nesta escola? Ela não está a ter os recursos para garantir uma boa educação aos seus alunos?”, aponta Andreia Sanches como algumas das perguntas que levaram o *Público* a realizar uma reportagem nestas escolas.

Outro critério surgiu quando os dados de contexto foram introduzidos e se passou a realizar vários rankings, como já foi indicado, tendo em conta os vários contextos em que as escolas se inserem. Assim, Andreia Sanches indica que, normalmente, se vai às “escolas que mais se superam” face ao seu contexto e “às vezes, também, ir a escolas que ficam muito aquém do que se poderia esperar”.

“Se uma escola num contexto desfavorecido tem uma média de exame de 11, mas escolas do contexto desfavorecido parecidas têm 14, queremos perceber porque é que esta escola não está a conseguir que os seus alunos fiquem, no mínimo, em média com os alunos que têm características parecidas. Esse é um pretexto para fazer uma reportagem”, conta a jornalista.

Rui Barros aponta que, na sua perspetiva como jornalista de dados, existe uma dualidade que é prevalente também nos rankings: “Nós, no jornalismo de dados, vivemos sempre nesta dualidade, porque tendencialmente na análise de dados, os *outliers* estatísticos, aqueles que saem muito da norma, na análise de dados pura são desvalorizados”, afirma.

“No jornalismo é um bocado o contrário. Ou seja, o *outlier* é aquele que é interessante”, acrescenta, dizendo ainda que se tem de perceber, na análise, se “há uma razão” para “explicar (...) aquela coisa que sai da norma” ou “se é apenas um acaso estatístico”.

Em 2022, realizou-se ainda um caso de estudo que focou uma região: o Algarve, algo que divergiu dos restantes anos como algo totalmente novo nos jornais selecionados. Segundo Andreia Sanches, a escolha deve-se às particularidades que a região tinha vindo a apresentar ao longo dos vários anos.

“O Algarve tem sido, há já algum tempo, apontado por investigadores como uma região que tem, nalguns indicadores de sucesso escolar, resultados piores do que o resto do país, afirma acrescentando que, após olharem para os números, verificaram que isso era “evidente”.

“Portanto, nós decidimos fazer trabalho jornalístico: essencialmente, ir falar com quem está no terreno, com os professores, com pessoas que trabalham com alunos (mesmo em projetos extracurriculares), com alunos, cruzando dados, testemunhos e reportagens no terreno sobre as especificidades do Algarve”, acrescenta, afirmando ainda que este foi um trabalho “muito interessante” numa zona que tem especificidades face às “aspirações de uma juventude” e o quão cedo ganham autonomia com os “trabalhos de verão com o turismo”.

Rui Barros afirma que esta preocupação de dar destaque a uma determinada região “não é uma preocupação artificial”: “É mesmo uma questão de quando estamos a olhar para os dados, tirar conclusões. Tendencialmente essas conclusões levam-nos a dizer que, neste aspeto concreto deste concelho, deste distrito, desta região do país, se calhar vale a pena termos algo sobre isto. Não é uma decisão a priori, simplesmente acontece porque os dados nos levam lá.”

Pode-se então concluir a partir daqui que procurar uma ideia de equilíbrio entre o ensino privado e o público não são um dos verdadeiros critérios para a escolha de escolas e de apresentação da cobertura noticiosa dos rankings. Porém, como foi observado, é admitido que o ensino público acaba por ter uma propensão maior.

4. Outras conclusões

Da pesquisa realizada na realização do trabalho, cabe ainda apresentar mais algumas conclusões sobre os temas analisados. Quanto à noticiabilidade dos rankings, verificamos que os rankings, como construção jornalística, têm várias razões para serem publicados.

No *Público* do dia 27 de Agosto de 2001, dia de publicação dos primeiros rankings das escolas, o diretor João Manuel Fernandes afirmou no editorial que o primeiro motivo para a publicação dos rankings é entender que existe “um dever de informação e transparência por parte do Estado e da administração pública” e “um direito de acesso dos cidadãos a essa informação”, algo que motivou o jornal a “bater-se” pelos rankings “anos a fio” e, também por considerar que a “divulgação desta informação ajuda o sistema educativo a evoluir”.

Como já foi elaborado, os rankings resultam de uma aposta do *Público* batalhando para aceder aos dados, sendo mesmo necessário, como já foi referido, um requerimento à CADA. Houve uma dificuldade no acesso, um esforço efetuado que implicou o confronto direto com o Governo. A novidade, assim, por força desta produção noticiosa totalmente nova em Portugal, surge logo como valor-notícia dos rankings em 2001.

No entanto, após a primeira produção dos rankings, produto noticioso que implicou essa dificuldade de aceder às informações necessárias, quais são as razões para continuar a publicar os rankings?

Neste sentido, os rankings depois de 2001, podem-se considerar como continuidade desse primeiro trabalho, pela forma como, ano após ano, são trabalhados em comparação à edição dos rankings do ano anterior, causando assim uma necessidade constante de continuar a contar a história que se começou em 2001, ou seja, a própria linha de continuidade na evolução do sistema de ensino.

Os rankings nunca são um assunto fechado. Todos os anos, milhares de estudantes realizam os exames de acesso ao ensino superior e provas de aferição do 9º ano e têm novas notas, renovando-se o ciclo que criam as bases de dados que formam os rankings.

Pode-se afirmar assim que desde 2001 até aos dias de hoje há o valor-notícia de novidade que leva à noticiabilidade dos rankings. A renovação anual da informação altera o

panorama dos resultados, levando sempre a mudanças constantes naqueles que são os resultados, por virtude das mudanças de professores e de turmas que são normais no funcionamento das escolas, havendo sempre uma novidade e novas histórias dentro do grande tópico dos rankings para se contarem.

Para a jornalista e diretora-adjunta do *Público* que trabalha nos rankings desde a primeira edição, Andreia Sanches, o grande interesse dos rankings está no facto de considerar que a informação é “de interesse público e inerentemente pública”. Esta era a posição do jornal em 2001 mantendo-se até hoje, abrindo aqui a possibilidade de que o critério da relevância apontado por Traquina possa ser ainda aplicado.

A informação dos rankings pode ser considerada assim digna de notícia, sendo que as escolas são instituições que atingem uma boa porção dos leitores, quer sejam pais dos alunos interessados no desempenho das escolas dos filhos ou pretendam informações sobre outras escolas, professores e alunos que queiram ver os resultados das suas próprias escolas, ou cidadãos interessados no sistema de ensino.

Verifica-se também que, aquilo que sai da norma, aquilo que se destaca, o *outlier* referido por Rui Barros, é uma das peças essenciais para definir que títulos são destacados. Assim, pode-se considerar que os destaques dos rankings, aquilo que é tratado, têm como valor notícia fundamental o insólito, ou seja, o que se destaca pela sua diferença.

A ideia dos rankings como *accountability*, como uma forma de jornalismo que pretende pôr o Estado em cheque, é outro dos pontos de interesse, que pode ser apontado como critério de noticiabilidade, ou seja, o da infração e do prestar contas do Estado.

Andreia Sanches aponta ainda este sentimento de prestação de contas do Estado como um objetivo no próprio tratamento da informação das informações dos rankings. Para a jornalista, “se há uma escola que sistematicamente está a ter resultados que ficam aquém, alguma coisa está a fazer mal. Depois, a questão é a responsabilidade é da direção dessa escola, é a liderança da escola? Ou é porque não lhes estão a ser dados os meios, porque há uma intervenção do estado ou da autarquia que falta? A nós jornalistas isto serve para fazer perguntas”.

Conclui-se ainda que os rankings são, efetivamente, para os jornalistas do *Público*, uma forma de colocar o Estado e as escolas a prestar contas, algo que a jornalista Andreia Sanches vê com naturalidade: “Todos nós, de alguma maneira, prestamos contas sobre o trabalho que fazemos”, afirma.

Rui Barros concorda, embora não exagere este papel: “Eu não sei se levava a esse extremo quase de polícias que estão a vigiar o sistema. Acho que não há essa lógica quase acusatória. Mas em parte sim, obviamente. É um momento especial de avaliação do próprio sistema”, afirma.

Assim, pode-se afirmar que os rankings efetivamente cabem na função do jornalismo como “contrapoder” sendo que este questiona e acaba por controlar a atuação do Estado face ao sistema de educação, especialmente o público.

Os rankings, como verificámos, têm como crítica desenvolvida anteriormente a contribuição para uma “mercantilização” da educação, ao inserir nas escolas um sentido de competição umas com as outras, mesmo com aquelas que têm mais ou menos capacidades que as outras.

Na opinião da jornalista do *Público*, Andreia Sanches, os rankings são uma ferramenta para “dar informação à comunidade sobre o trabalho das escolas, divulgando dados, taxas de sucesso, notas dos alunos, mas também o contexto em que essas escolas se inserem. E tentar perceber se essas escolas superam o seu contexto, ou se ficam aquém do seu contexto”.

No entanto, olhando para os dados, o que é visível é que, quando os rankings eram somente listas que ordenavam as escolas sem qualquer contextualização e diversificação das escolas e das suas especificidades, essa crítica poderia ser considerada válida. Porém, as introduções dos indicadores contextuais trouxeram uma nova profundidade à produção dos rankings. Ao introduzir estes indicadores e ao criar rankings que distinguem e colocam as escolas em pontos diferentes, a comparação deixa de ser entre escolas em total pé de igualdade, mas entre escolas enquadradas num contexto socioeconómico e valorizando aqueles que são bons ou maus valores face aos seus próprios contextos, seja contextos favoráveis, intermédios ou desfavoráveis.

Pode-se afirmar então que – se há uma colocação das escolas num mercado livre da educação, deixando aos pais a escolha entre que escolas escolhem para os seus filhos – a introdução destes novos rankings e indicadores permitem uma comparação mais equitativa e com dados mais alargados, algo que Andreia Sanches considerou “um salto significativo”:

“Foi muito importante e era uma coisa que nós ambicionávamos há muito tempo, poder ter acesso a informação mais completa”, afirma.

Rui Barros afirma ainda que, na sua opinião, o que não lhe “agrada” é mesmo a “simplificação que se faz”: “Quando só se faz isto, já estamos a contrariar aquilo que eu mais gosto nos rankings que é estar a mostrar a diversidade da escola pública e da escola privada, mostrar a diversidade de contextos e diferenças. Quem faz essa leitura muito redutora afasta-se destes projetos que existem e estão nos rankings”.

5. Limitações do estudo

No âmbito deste trabalho, alguns pontos poderiam ser melhorados e explorados. O autor devia ter procurado uma maior investigação sobre as razões pelas quais foram tratados ou não alguns temas, especialmente no tocante aos géneros jornalísticos utilizados e o porquê.

Aponta-se ainda o escasso número de entrevistas, algo que podia ser expandido para ter mais perspetivas de mais pessoas. O número de edições analisadas, por falta de tempo, é algo que podia ser melhorado, pois mais jornais permitiriam uma visão mais detalhada da evolução da cobertura.

V. Bibliografia

Afonso, A. J. (2009). *Nem tudo o que conta em educação é mensurável ou comparável. Crítica à accountability baseada em testes estandardizados e rankings escolares*. Revista Lusófona de Educação, 13, 13-29. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/55443>

Camejo, N. (2016) *Ranking e qualidade educativa. Uma relação (im)provável? Um estudo em duas escolas públicas*. Évora: Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/20062>

Cotovio, J. (2004). *O ensino privado*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Doris, A., O'Neill, D., & Sweetman, O. (2019). *Good Schools or Good Students? The Importance of Selectivity for School Rankings*. Department of Economics. Maynooth: National University of Ireland - Maynooth. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/may/mayecw/n293-19.pdf.html>

Galtung, J., & Ruge, M. H. (1965). *The Structure of Foreign News: The Presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in Four Norwegian Newspapers*. Oslo: Journal of Peace Research, 2(1), 64-91. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/423011>

Harcup T. & O'Neill D. (2017). *What is News?*. Journalism Studies vol. 18. 1470-1488. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/1461670X.2016.1150193?needAccess=true>

Lopes, R. (2004). *O Poder dos Média na Sociedade Contemporânea*. Covilhã: Agora Net. Disponível em: <https://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>

Melo, M. B. L. P. e. (2008). *Reflexos da reflexividade mediatizada: os professores do ensino secundário e os rankings escolares*. Lisboa: ISCTE. Tese de doutoramento. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/709>

Neto Mendes, A., Costa, J. A., & Ventura, A. (2003). *Ranking de escolas em Portugal: um estudo exploratório*. REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, 1(1), 0. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/551/55110108.pdf>

Lazarsfeld, P. F. & Merton, R. K. (1948). *Mass Communication, Popular Taste, and Organized Social Action*. Nova Iorque: En L. Bryson (Ed.). *The Communication of Ideas* (pp. 95-118).

Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco: O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: MinervaCoimbra.

Neveu, É. (2001). *Sociologie du journalisme*. Paris: Éditions La Découverte.

Neves, T., Pereira, J., & Nata, G. (2012). *One-dimensional school rankings: a non-neutral device that conceals and naturalises inequalities*. *International Journal on School Disaffection*, 9(1), 7-22. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275967925_One-dimensional_school_rankings_A_non-neutral_device_that_conceals_and_naturalises_inequalities

Quaresma, L. & Villalobos, C. (2016). *Mercantilização, competitividade e accountability no sistema de ensino em Portugal: o que se pode aprender da experiência chilena*. *Revista Lusófona de Educação*, nº32, pp. 31-47. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5507>

Rocha, J. M. (2012). *Interrogações sobre a natureza do poder dos media noticiosos*. VII Congresso Português de Sociologia - Área Temática: Arte, Cultura e Comunicação. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/320161668_Interrogacoes_sobre_a_natureza_d_o_poder_dos_media_noticiosos

Santos, S. P. M. (2011). *Rankings das escolas e qualidade das aprendizagens, que relação?: um estudo exploratório no ensino privado*. Instituto de Educação. Braga: Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/25875>

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo - Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa internacional*. Florianópolis: Insular

Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editora Presença

VI. Anexo 1 – Primeiras Páginas dos jornais

1. Edição do *Público* de 27 de agosto de 2001

SEG 27 AGO
EDIÇÃO LISBOA
27 de Agosto de 2001
Ano XII • Nº 4178
140500 • €0,70 (IVA incluído)
Director **JOSÉ MANUEL FERNANDES**
Director adjunto: NUNO FACHECO
e-mail: publico@publico.pt

CRIME NO BRASIL
Luis Miguel confessou ter ordenado a chacina
Luis Miguel confessou ontem à polícia e à imprensa ter ordenado a chacina dos seis empresários portugueses que foram sepultados numa praia de Fortaleza. Horas depois era detido seu cunhado, o último dos suspeitos que ainda andava a monte. #26

SOCIEDADE
Transporte de substâncias perigosas feitos à margem da lei
#24

TIMOR-LESTE
Igreja apela a “voto em consciência” e condena “mal da prostituição”
Os bispos de Díli, Ximenes Belo, e Basílio Araújo, aproveitaram a última missa dominical antes das eleições para apelar aos timorenses a um voto em consciência. Mas as homilias dos padres católicos não se limitaram às eleições; também falaram da soberania, que “está a levar males a oferecer filhas à prostituição”. Dos nossos enviados Luciano Alvarez (textos) e Fernando Veludo (fotos) #16

MACEDONIA
NATO começa hoje a recolher armas do UÇK
A NATO inicia hoje a sua operação Solheita Essencial na Macedónia sem ter chegado a acordo com as autoridades de Skopje sobre o número de armas que a guerrilha albanesa deverá entregar ao longo do próximo mês. A missão “não vai ser fácil, mas a alternativa é a guerra”. A NATO está mais uma vez nos Balcãs. #14

SUPLEMENTO
Meia Praia
ÍNDICE
ARTICULOS E OPINIÃO 9 A 11
ELEIÇÕES 42/43
CLASSIFICADOS 51 A 57
JENEMAS 58/59
TEMPO E FARMÁCIAS 60

PÚBLICO

www.publico.pt

A LISTA

DESTACÁVEL COM AS NOTAS DE MAIS DE 600 ESCOLAS SECUNDÁRIAS
26 das 30 melhores médias nas provas mais concorridas estão na Grande Lisboa ou no Grande Porto | Oito privadas entre as dez escolas mais bem classificadas | A opinião de António Barreto

P2 A 8 E DESTACÁVEL DE 16 PÁGINAS

Super Económico
Canon copicanola
Impressoras Canon Série S com 4 cartridges de tinta separados.

2. Edição do *Público* de 21 de outubro de 2006

ESCOLHA A MELHOR

Investimento a 24 meses **24%** ao primeiro mês

Investimento a 12 meses **12%** ao primeiro mês

Investimento a 6 meses **6%** ao primeiro mês

*Taxa anual nominal bruta

Rendimento Millennium
Millennium bcp
A vida inspirada
www.millenniumbcp.pt 707 50 24 24

SÁBADO
EDIÇÃO LISBOA

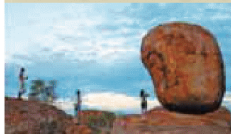
21 de Outubro de 2006
Ano XVII • N.º 6051
Portugal: €1,25 (IVA incluído)
Espanha: €2,00 (IVA incluído)

Director: JOSÉ MANUEL FERNANDES
Directores adjuntos: NUNO PACHECO
e MANUEL CARVALHO

e-mail: publico@publico.pt

FUGAS

Austrália
2834 km pela Stuart Highway



O INIMIGO PÚBLICO

Quem é o pior português de sempre?



REVISTA XIS
Os grandes manipuladores

HOJE
5.º
VOLUME

Por mais
9,90 euros

LUGARES MÁGICOS

ÍNDICE

BARTOON E OPINIÃO	4 A 6
BOLSAS	46/47
TELEVISÃO	48/49
CLASSIFICADOS	58 A 61
CINEMAS	62/63
TEMPO E FARMÁCIAS	64

DE 15 DE SETEMBRO A 30 DE OUTUBRO

LÊ O PÚBLICO E GANHA PRÉMIOS OPTIMUS

Para mais informações
ligue 800 92 92 92

PÚBLICO

PÚBLICO

www.publico.pt

PUBLICIDADE

NÃO ENTREGAMOS DESCULPAS

AS 09:00. AS 12:00. COM A DHL.

Ligue 707505000 ou visite-nos em www.dhl.pt

DHL

Lista com os resultados das 587 secundárias nas oito disciplinas com mais alunos

OITO ESCOLAS PÚBLICAS ENTRE AS 20 PRIMEIRAS DO RANKING

SUPLEMENTO DE 40 PÁGINAS

Colégios Manuel Bernardes e Mira Rio (Lisboa) ocupam o primeiro lugar Médias das escolas no topo da tabela nunca foram tão baixas Aurélia de Sousa (Porto) é a secundária pública com ensino regular mais bem colocada Concelhos do interior concentram as médias mais negativas Análise dos resultados e reportagens nas escolas nos extremos da lista ordenada Personalidades recordam como era a escola no seu tempo



FRANÇOIS MORIAP

UNIÃO EUROPEIA CALA DIVERGÊNCIAS PARA GARANTIR PARCERIA ESTRATÉGICA COM A RÚSSIA

P13/14

SONDAGEM

Portugueses a favor do sacerdócio feminino, da prostituição legal e da eutanásia

P2/3

CASO CASA PIA

Antigo director da PJ critica a investigação

Três meses após o início da investigação, o ex-director da PJ de Lisboa escreveu ao director nacional uma carta onde tecia duras críticas ao processo. P8

FARMACÉUTICOS

Bastonário propõe pacto para a saúde

O bastonário dos Farmacêuticos vai propor hoje que seja criado um pacto para a saúde. P20/21

GOVERNO

Analistas dizem que 2007 correrá pior

Erros, gaffes, avanços e recuos como nunca. Outubro tem estado a correr mal ao Governo. Mas 2007 vai correr pior, dizem analistas ouvidos pelo PÚBLICO. P10/11

3. Edição do *Público* de 15 de outubro de 2011

Sáb 15 Out Edição Lisboa

Sábado, 15 de Outubro de 2011, Ano XXII, n.º 7861, 1,60€
Directora: Bárbara Reis. Directores adjuntos: Nuno Pacheco, Manuel Carvalho e Miguel Gaspar. Directora executiva Online: Simone Duarte
Directora de Arte: Sónia Matos
www.publico.pt

Colecção **As Aventuras De Pica-Pau**
Vol. 6 - *Nadar ou Afundar*



Hoje
Por apenas
+1,99€

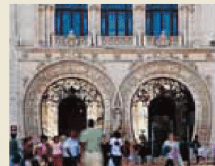


Inédito
Agustina
escreve sobre
a "situação
embaraçosa
da Cultura"
P2



Comboios
As mais bonitas
estações do país
Fugas

Frieze
A feira de arte
de Londres é
uma questão de
dinheiro, poder e
champanhe P2



Governo proíbe RTP de pagar avenças a políticos

Salários nas chefias limitados ao do PR ● Poupanças no Estado levam a cortes em 600 km de linhas da CP
● Portugal arrisca a pior recessão desde 1975

● O Governo continua a anunciar cortes nos gastos, que abrangem imposições à RTP para acabar com avenças a políticos e a impor tectos salariais limitados à remuneração do Presidente da República. Nos transportes, várias empresas do Estado serão concessionadas em 2013 e haverá extinção de linhas

Previstas para hoje
manifestações em
962 cidades de 85
países, sete das quais
em Portugal

férricas. Os cortes de subsídios podem levar ao êxodo de funcionários públicos e as restrições no consumo ameaçam criar a pior recessão desde 1975. Com as centrais sindicais a deixarem no ar uma greve geral, o movimento dos indignados sai hoje à rua em sete cidades. → Destaque, 2 a 13

Procurador-geral vai controlar casos com deputados e governantes

● O procurador-geral da República quer que todos os processos nos quais o Ministério Público precise de pedir informações a órgãos de soberania, como à Presidência da República, à Assembleia da República ou à Presidência do Conselho de Minis-

tros, sejam "encaminhados, por via hierárquica, através da Procuradoria-Geral da República". A decisão de Pinto Monteiro, transcrita num despacho, resulta de queixas de quem sempre o Ministério Público tem procedido de forma adequada

no relacionamento com os titulares de órgãos de soberania. Com esta decisão, o procurador-geral da República, Pinto Monteiro, pretende actualizar e uniformizar procedimentos, mantendo todas as diligências sob o seu controlo. → Portugal, 17

Santander Totta

200 milhões de perdas fora das contas do grupo

● O Santander Totta imputou ao Fundo de Pensões um prejuízo de mais de 200 milhões, evitando assim assumilo nas contas do grupo. As perdas referem-se a investimentos de risco realizados em Julho em contratos de futuros, que apostavam na valorização dos índices bolsistas de Nova Iorque, o que não se verificou no momento do resgate dos títulos. → Economia, 21

Proposto ao ministro

Telemóveis podem financiar saúde pública

● Um estudo da Entidade Reguladora da Saúde, encomendado pelo actual ministro Paulo Macedo, aponta uma série de soluções inovadoras para financiar o SNS. Entre elas, destacam-se a introdução de uma taxa pela utilização do telemóvel que renderia por ano 180 milhões de euros. São ainda sugeridos novos impostos sobre o tabaco e o álcool. → Portugal, 14

Lisboa

"Saco azul" na Associação Académica

● A actividade financeira da Associação Académica de Lisboa (AAL) está a ser gerida através de uma conta bancária paralela desde 2010, caso que já levou a várias demissões na direcção e que tem o aval de várias associações de estudantes. A conta foi aberta na Caixa Geral de Depósitos, num balcão existente no ISE de Lisboa. → Portugal, 16

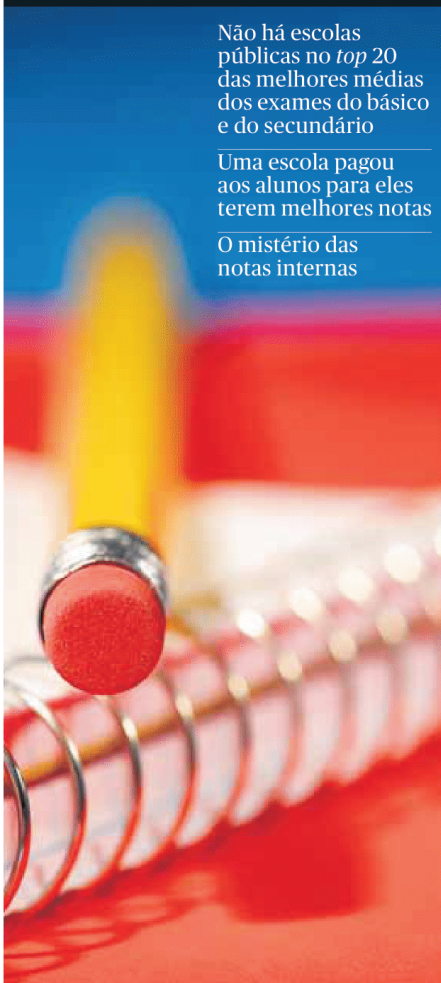
Ranking das escolas

Suplemento especial de 32 págs.

Não há escolas públicas no top 20 das melhores médias dos exames do básico e do secundário

Uma escola pagou aos alunos para eles terem melhores notas

O mistério das notas internas



1. Edição do *Público* de 17 de dezembro de 2016

Edição Lisboa • Ano XXVII • n.º 9741 • 1,70€ • Sábado, 17 de Dezembro de 2016 • Director: David Dinis Adjuntos: Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro, Vitor Costa Directora de Arte: Sónia Matos



Escolas públicas mais desfavorecidas destacam-se no "ranking do sucesso"

Uma escola de maioria africana está entre as dez melhores a Português

Reportagens em escolas que tornaram "a fraqueza da ruralidade uma força"

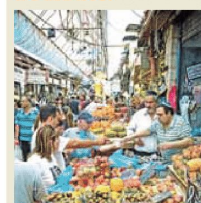
Dois terços das escolas que mais inflacionam notas são privadas

Suplemento de 48 páginas
Listas de todas as escolas com notas dos alunos nos exames nacionais

PSD disposto a negociar apoio a Assunção Cristas para a Câmara de Lisboa

Passos Coelho colocou o processo nas mãos do coordenador autárquico, Carlos Carreiras. Avanço da coligação promete agitar ainda mais o PSD, com muitos sociais-democratas a considerarem ser um erro político ir a reboque do CDS **Política, 6/7**

Fugas
De quantos países é feita a cozinha de Israel?



Trump apresenta Governo à sua imagem

Os homens do Presidente • Opinião de Tiago Moreira de Sá e Diana Soler: "As ovelhas e os lobos" **p24 a26**



Ratinhos rejuvenesceram numa máquina do tempo

O envelhecimento pode ser manipulado: reprogramação celular fez tempo recuar **p28**

Sectores público e privado pedem lei plurianual para a Saúde

Marcelo Rebelo de Sousa pressiona para entendimento **p10/11**

Cornucópia: exemplo do teatro português chega hoje ao fim

Ao fim de 43 anos, a companhia de Luis Miguel Cintra fecha as portas **p2 a4**

ISSN 0872-1548

2. Edição do *Público* de 8 de julho de 2022

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.
Abrir portas onde se erguem muros Director: Manuel Carvalho Sexta-feira, 8 de Julho de 2022 • Ano XXXIII • n.º II.758 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 2€



Público

Demissão no Reino Unido

A festa de Boris Johnson chegou ao fim com um único consolo: haverá sempre o “Brexit”

A análise, o perfil, os casos e um guia para a sucessão no Governo britânico

Destaque, 2 a 5, e Editorial

Governo e IPSS sem acordo sobre valor a pagar para ter creches grátis

Segurança Social e instituições do sector solidário não se entendem sobre valor a pagar por criança. Novo ano lectivo está a dois meses de começar **Sociedade, 18**

Ípsilon A história dos Da Weasel contada por eles



Caos nos aeroportos
Mais de 75 mil portugueses já podem reclamar indemnização

Economia, 32

Saúde
Nova equipa que vai gerir SNS terá nomeação política

Sociedade, 20

Veja as listas completas em publico.pt/rankings-escolas-2021



Rankings Escolas públicas de Lisboa, Coimbra e Porto fora do top 50 da lista do PÚBLICO

O colégio n.º 1 nos exames está em Paços de Ferreira

Suplemento especial de 32 páginas

JOSE ALVES

EUROMILHÕES
A color excitante de um dia para o outro

ESTA SEXTA-FEIRA O MAIOR DE SEMPRE

230 MILHÕES

JOGOS SINTACASA
JOGOS SINTACASA PT

ISSN-0672-1548

VII. Anexo 1 - Descrição dos jornais

1. Edição do *Público* de 27 de agosto de 2001

Descrição e categorização

A primeira edição realizada de Rankings em Portugal no *Público* é do ano de 2001, que lista os resultados dos rankings dos exames nacionais realizados em 2000. À altura, o jornal tinha como diretor José Manuel Fernandes.

Na realização destes primeiros rankings participaram ainda as jornalistas Bárbara Simões, Bárbara Wong e Andreia Sanches.

A cobertura é tratada ao longo da edição do jornal, mas com enfoque especial nas primeiras páginas, distribuídas entre a página 2 e 8 da edição, bem como um destacável de 16 páginas.

Na primeira página, os Rankings têm grande destaque, sendo a manchete com o título “A Lista” e com o destaque ao “Destacável com as notas de mais de 600 escolas secundárias”. Em baixo, podem-se ler os subtítulos:

- “26 das 30 melhores médias nas provas mais concorridas estão na Grande Lisboa ou no Grande Porto”
- “Oito privadas entre as dez escolas mais bem classificadas”
- “A opinião de António Barreto”

Na página 2, encontra-se logo uma peça intitulada “26 das 30 melhores médias nas provas mais concorridas estão na Grande Lisboa ou no Grande Porto” que analisa a distribuição geográfica dos resultados dos exames, acompanhada por um mapa que apresenta visualmente as médias por cada concelho com cores diferentes para cada variação de médias

- Categoria atribuída: Notícia com infografia
- Espaço ocupado: Página inteira

Na página 3, encontra-se uma coluna com o título de “Uma lista para seguir de exemplo”, texto informativo de abertura e descrição dos rankings

- Categoria atribuída: texto informativo
- Espaço ocupado: Coluna

Ao lado na mesma página, encontra uma tabela resumida das 100 melhores médias ordenadas consoante o valor de média com o nome e o concelho da escola

- Categoria atribuída: Tabela
- Espaço ocupado: Coluna

Ainda na mesma página, um editorial com o título “Um dia histórico” de José Manuel Fernandes

- Categoria atribuída: Editorial
- Espaço ocupado: Coluna

“Médias do Público e do Privado aproximam-se”, uma notícia de Bárbara Simões

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Coluna
- Tipo de escola: Ambos

Na página 4, “Se não existe um livro, no mesmo dia há uma empregada que vai comprá-lo”, uma reportagem de Bárbara Wong ao Colégio Sagrado Coração de Maria

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: Coluna
- Tipo de escola destacada: Privada

Na página 5, encontra-se um conjunto de várias notícias de todas as disciplinas nas quais se realizou exame assinadas por Andreia Sanches e Bárbara Wong:

- “Positivas quase todas no litoral” Andreia Sanches
- Português A - “Só 75 abaixo de 10”
- Português B - “Melhores um pouco por todo o país”
- Física - “Médias entre 2,8, 16”
- Biologia - “Perto de metade acima do 10”
- História - “Pouco longe da nota interna”

- Psicologia - “Oito em cada dez com positiva”
- Química - “Média nacional positiva”
 - Categoria atribuída: Notícia
 - Espaço ocupado: 2 páginas e meia

Na página 6, surge uma tabela com o título de “Argumentos”, divulgando os vários argumentos de “Prós” e “Contras” dos Rankings apresentados antes da divulgação dos rankings

Os prós são apresentados por João Carlos Espada, Marçal Grilo, Joaquim Azevedo e David Justino. Já os contras são de Maria José Rau, Maria do Carmo Clímaco, Augusto Santos Silva, Belmiro Magalhães, Vítor Sarmiento e Mário Nogueira

- Categoria atribuída: Opinião
- Espaço ocupado: Coluna

Na página 7, está uma notícia intitulada “Fosso entre o exame” de Bárbara Wong, sobre o fosso entre as notas de exame e as notas internas.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Caixa
- Tipo de escola: Ambas

Página 7, tabela “As 50 maiores diferenças” com as 50 escolas que verificaram maior diferença entre a nota interna e a nota de exame.

- Categoria atribuída: Tabela complementar
- Espaço ocupado: Caixa

Página 7, está a opinião de António Barreto com o título “Uma vitória saborosa”

- Categoria atribuída: Opinião
- Espaço ocupado: meia página

Página 8, “Temos dois sistemas educativos: o do litoral e do interior”, uma entrevista a Luís Valadares Tavares assinada por Bárbara Simões

- Categoria atribuída: Entrevista
- Espaço ocupado: Meia página

Na mesma página, está uma infografia com mapas com percentagem de acessos, média de matemática e percentagem de escolas com média menor que 6.

- Categoria atribuída: Infografia
- Espaço ocupado: Fundo da página

Ainda na página 8, surge uma carta do Ministério da Educação.

- Categoria atribuída: Outros
- Espaço ocupado: Coluna

2. Edição do *Público* de 21 de outubro de 2006

Descrição e categorização

A segunda edição dos rankings no *Público* que iremos analisar é a do ano de 2006, referente aos exames nacionais realizados em 2005. À altura, o jornal tinha como diretor José Manuel Fernandes e Nuno Pacheco e Manuel Carvalho como diretores adjuntos.

Na realização dos rankings, participaram os jornalistas Bárbara Wong, Isabel Leiria, Alexandra Campos, Carlos Romero e Andreia Sanches.

O ranking e a sua cobertura surgem maioritariamente presente num suplemento especial dedicado no fim do jornal, com 39 páginas e o título de “Oito escolas públicas entre as 20 primeiras dos rankings”. No subtítulo deste destacam-se duas escolas do primeiro lugar: os colégios Manuel Bernardes e Mira Rio de Lisboa.

Na primeira página, os rankings fizeram manchete, com o título “Oito escolas públicas entre as 20 primeiras do ranking” presente.

No subtítulo destacam-se as duas escolas do primeiro lugar, os Colégios Manuel Bernardes e Mira Rio de Lisboa;

- “Médias das escolas no topo da tabela nunca foram tão baixas”;
- “Aurélia de Sousa (Porto) é a secundária pública com ensino regular mais bem colocada”,
- “Concelhos do interior concentram as médias mais negativas”, “Análise dos resultados e reportagens nas escolas nos extremos da lista.
- ordenada”,
- “Personalidades recordam como era a escola no seu tempo”.

Na página 4 do jornal, destaca-se um editorial sobre os rankings, assinado por José Manuel Fernandes, com o título de “Os passos necessários”.

- Categoria atribuída: Editorial
- Espaço ocupado: Coluna, meia página

No caderno destacável, o destaque é dado a uma notícia na página 3 com o título de “Dois colégios privados de Lisboa lideram tabela das melhores médias” de Isabel Leiria sobre os resultados dos rankings, destacando os colégios privados como os primeiros lugares.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 página
- Escolas destacadas: privadas

Nas páginas 4 e 5, estão as tabelas dos rankings, ordenando as escolas secundárias pelas médias obtidas nos exames.

- Categoria atribuída: Tabela
- Espaço ocupado: 2 páginas

Na página 5 e parte da 6, está uma reportagem de Bárbara Wong no Colégio Manuel Bernardes, um dos colégios que ficaram em primeiro, com opinião de uma aluna.

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Privada

Sobre o Colégio Mira Rio, o outro primeiro lugar, um trabalho semelhante com opinião de alunos na página 6, de autoria de Bárbara Wong.

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: Meia página
- Tipo de escola: Privada

Ainda na página 7, uma coluna com breves retratos das dez melhores escolas privadas, realizada por Bárbara Wong

- Categoria atribuída: Outro
- Espaço ocupado: Coluna
- Tipo de escola: Privada

Na página 8, uma reportagem com opinião dos alunos intitulada “Investir nas novas tecnologias, mas sem deslumbramento” sobre a Escola Secundária Aurélia de Sousa, a primeira escola secundária de ensino regular a surgir no ranking, assinada por Alexandra Campos.

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: Meia página
- Tipo de escola: Pública

Na mesma página 8, uma outra reportagem com a opinião dos alunos sobre o primeiro estabelecimento do ensino público a surgir nos rankings, neste caso, a Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa, do ensino especializado de música, assinada por Bárbara Wong.

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: Meia página
- Tipo de escola: Pública

Na página 9, Carlos Romero realiza uma reportagem com opinião dos alunos na escola do último lugar do ranking, a Escola Professor António da Natividade.

- Categoria atribuída: Reportagem

- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Pública

Ainda na página 9, uma coluna intitulada “As escolas deles” com testemunhos das personalidades Ticha Penicheiro e Valentim Loureiro das suas escolas secundárias

- Categoria atribuída: Outro
- Espaço ocupado: Coluna

Na página 10, está um Sobe e desce realizado por Bárbara Wong com 11 notícias em duas páginas de várias escolas que subiram e desceram de posições no ranking, questionando o que mudou pela positiva e pela negativa.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 2 páginas
- Tipo de escola: Pública

Na página 12, dois textos de opinião, de Rui Santiago, Professor na Universidade de Aveiro, membro do Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior e de Fernando Adão da Fonseca, Presidente do Fórum para a Liberdade de Educação.

- Categoria atribuída: Crónica
- Espaço ocupado: Meia página cada uma

Na mesma página 12, uma notícia sobre as escolas portuguesas no estrangeiro de Andreia Sanches.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Coluna
- Tipo de escola: Pública

À esquerda desta página, mais uma edição da coluna “As escolas deles”, desta vez com testemunhos das personalidades Diogo Infante e Catarina Furtado

- Categoria atribuída: Outro
- Espaço ocupado: Coluna

De seguida, uma notícia de Bárbara Wong intitulada “Privadas mantêm médias superiores às públicas” com uma análise aos resultados sobre as diferenças entre públicas e privadas com uma tabela da evolução ao longo dos anos.

- Categoria atribuída: Notícia com tabela
- Espaço ocupado: Topo da Página
- Tipo de escola: Ambas

Na página seguinte, Isabel Leiria assina uma peça denominada “Diferença entre médias nos exames nacionais e classificação interna chega aos 10 valores na Química e na Física” onde se realiza uma análise à divergência entre classificação interna e exames

- Categoria atribuída: Notícia com tabela
- Espaço ocupado: 1 Página

Na página 14, surge um texto de Andreia Sanches com um ranking das dez melhores escolas em cada disciplina e com notícias em cada com os destaques de cada mini-ranking de disciplina.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 2 Páginas
- Tipo de escola: Ambas

Isabel Leiria escreve um texto intitulado “Notas realçam desigualdades regionais”, acompanhada de um mapa que distribui geograficamente as médias dos vários exames de 12º ano.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 Página
- Tipo de escola: Pública

Por fim, uma tabela “As 100 médias mais altas nos últimos anos” com as cem melhores notas dos três anos anteriores

- Categoria atribuída: Tabela
- Espaço ocupado: 1 página

3. Edição do *Público* de 15 de outubro de 2011

A terceira edição dos rankings no *Público* que iremos analisar é a do ano de 2006, referente aos exames nacionais realizados em 2011. À altura, o jornal tinha como diretora Bárbara Reis e Nuno Pacheco e Manuel Carvalho como diretores adjuntos.

Na realização dos rankings, participaram os jornalistas Bárbara Wong, Clara Viana, Andreia Sanches, Graça Barbosa Ribeiro, Samuel Silva, Ricardo Vilhena.

Na primeira página, uma referência lateral aos “Rankings das escolas” com os seguintes subtítulos:

- “Não há escolas públicas no top 20 das melhores médias dos exames do básico e do secundário”
- “Uma escola pagou aos alunos para eles terem melhores notas”
- “O mistério das notas internas”

Como no ano anterior, os rankings estão presentes no jornal num caderno especial de 32 páginas.

Os destaques dados na primeira página do caderno são:

- Não há escolas públicas no top 20 das melhores médias dos exames
- Houve uma que pagou aos alunos para eles terem melhores notas
- Entrevista a Gert Biesta, um crítico: “A publicação das listas tem colocado os professores numa situação difícil.”
- O mistério das notas internas

Na página 2, surge uma notícia de Clara Viana “Exames mais difíceis afastaram públicas do topo”

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 página (distribuída entre 2 páginas)
- Tipo de escola: Públicas

No canto inferior direito da mesma página 2, uma notícia “Português em queda no básico e secundário” da autoria de Clara Viana.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Meia coluna

Já na página 3, Andreia Sanches assina a peça “Professores vs exames: o mistério das diferenças entre notas - análise à diferença de notas existente entre os exames e as notas internas”.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Coluna

Em cima na página 3, referência à organização dos rankings no Reino Unido

Na página 4, surge um editorial intitulado “Professores vs exames: o mistério das diferenças entre notas”, assinado pelo então Diretor-Adjunto Nuno Pacheco.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Meia página

Na página 5, Bárbara Wong assina uma entrevista com Gert Biesta com o título de “Os rankings são muito antiquados e não devem ter lugar numa sociedade civilizada”

- Categoria atribuída: Entrevista
- Espaço ocupado: 1 página

A página 6 é dedicada a um conjunto de gráficos sobre os resultados no ensino básico intitulado: “Básico Onde estão as melhores e as piores médias”

- Categoria atribuída: Infografias
- Espaço ocupado: 1 página

Os tópicos abordados pelos mapas e gráficos foram:

- I. Geografia das notas - Infografia da distribuição geográfica,
- II. Público e privado - Média de cada tipo de escola e de cada disciplina por tipo
- III. Médias por idades
- IV. Rapazes e raparigas - Médias por géneros

- V. As 10 piores médias
- VI. As 10 melhores médias

Na página 7 surge o conjunto de notícias “Básico - O que faz de diferente quem está no top das cinco públicas e cinco privadas com melhores resultados”, assinadas por Graça Barbosa Ribeiro, Bárbara Wong e Samuel Silva.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Ambas

Nas páginas 8 a 13, está disposto o Ranking das Escolas do Ensino básico com o título “As 1283 escolas ordenadas por distrito e concelho”, listando todas as escolas nos dois rankings: o R1, o ranking que reúne todas as escolas e o R2 que lista só as escolas com pelo menos 50 provas realizadas.

- Categoria atribuída: Tabela
- Espaço ocupado: 5 páginas

Na página 14, abre uma secção nos rankings intitulada “As razões de dois exemplos de sucesso”

O primeiro exemplo é assinado por Samuel Silva numa peça intitulada “Secundária de Vila Cova pagou aos alunos para estudarem e ascendeu ao topo”, uma reportagem sobre uma escola pública que subiu 534 posições no ranking

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Pública

O segundo exemplo está presente na página 15, Ricardo Vilhena realiza uma reportagem chamada “Na escola da Estrelinha há alunos que brilham”, sobre um externato privado que teve uma subida de 1263 lugares.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 página

- Tipo de escola: Privada

Na página 15, surge a opinião de Rodrigo Queiroz e Melo, intitulada “Rankings e ausência de dados”

- Categoria atribuída: Opinião
- Espaço ocupado: Coluna

A página 16 é dedicada a um conjunto de gráficos sobre os resultados no ensino secundário intitulado: “Secundário - Onde estão as melhores e as piores médias”

- Categoria atribuída: Infografias
- Espaço ocupado: 1 página

Os tópicos abordados pelos mapas e gráficos foram:

- I. Geografia das notas - Infografia da distribuição geográfica,
- II. Público e privado - Média de cada tipo de escola e de cada disciplina por tipo
- III. Médias por idades
- IV. Rapazes e raparigas - Médias por géneros
- V. As 10 piores médias às 8 disciplinas
- VI. As 10 melhores médias às 8 disciplinas

Na página 17 surge o conjunto de notícias “Secundário - O que faz de diferente quem está no top das cinco públicas e cinco privadas com melhores resultados”, assinadas por Graça Barbosa Ribeiro, Bárbara Wong e Samuel Silva.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 página

Nas páginas 18 e 19, está disposto o Ranking das Escolas do Ensino Secundário com o título “As 496 escolas públicas e as 113 privadas ordenadas da melhor à pior média”, listando todas as escolas nos dois rankings: o R1, o ranking que reúne todas as escolas e o R2 que lista só as escolas com pelo menos 50 provas realizadas.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 2 páginas

Nas páginas 20 e 21, surge uma análise detalhada aos resultados pela jornalista Andreia Sanches com a peça “Há escolas que dão o salto, mas muitas eternizam-se nos derradeiros lugares”, com disposição das tabelas dos dados estatísticos das 10 melhores escolas em cada disciplina.

- Categoria atribuída: Análise com tabela
- Espaço ocupado: 2 páginas
- Tipo de escola: Pública

Por fim, nas páginas 22 a 31, está disposto o Ranking das Escolas do Ensino básico com o título “As 609 escolas do país ordenadas por distrito e concelho”, listando todas as escolas por distrito e concelho.

- Categoria atribuída: Tabela dos Rankings
- Espaço ocupado: 10 páginas

4. Edição do *Público* de 17 de dezembro de 2016

A terceira edição dos rankings no *Público* que iremos analisar é a do ano de 2016. À altura, o jornal tinha como diretor José Manuel Fernandes e Nuno Pacheco e Manuel Carvalho como diretores adjuntos.

Na realização dos rankings, participaram os jornalistas Bárbara Wong, Isabel Leiria, Alexandra Campos, Carlos Romero e Andreia Sanches.

A referência aos rankings na primeira página ocupa meia página com uma foto, com o título “Escolas públicas mais desfavorecidas destacam-se no “ranking do sucesso” e os seguintes subtítulos:

- Uma escola de maioria africana está entre as dez melhores a Português
- Reportagens em escolas que tornaram “a fraqueza da ruralidade uma força”
- Dois terços das escolas que mais inflacionam notas são privadas

Na primeira página destaca-se ainda um destaque ao caderno de 48 páginas com as listas de todas as escolas com notas dos alunos nos exames nacionais

Na página 2, Bárbara Wong e Clara Viana assinam uma peça intitulada “Uma escola de maioria africana está entre as dez melhores a Português” que consiste numa análise aos resultados dos rankings, olhando para casos de várias escolas, públicas e privadas.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 página e meia
- Tipo de escola: Pública

Na página 3 está uma análise de Clara Viana e Andreia Sanches aos números de alunos autopropostos nos exames e que o *Público* inclui, pela primeira vez, nos dados. Junto a esta peça está uma tabela exemplificando o lugar nos rankings com e sem alunos autopropostos incluídos.

- Categoria atribuída: Análise com infografia
- Espaço ocupado: meia página

Nas páginas 4 e 5, Clara Viana realiza uma reportagem intitulada “São públicas, inseridas em meios pobres, mas estão no topo” sobre o novo fator de “percursos diretos de sucesso” que permite calcular, juntamente, com o nível de escolaridade dos pais, o ranking do sucesso

Incluído nesta reportagem está uma infografia explicando como foi calculado o ranking do sucesso e os percursos diretos do sucesso

- Quantos alunos não chumbam no 10.º e 11.º ano e têm nota positiva nos exames do 12.º ano?

Dentro desta página estão duas caixas intituladas “O tamanho das turmas conta” associada à reportagem sobre os rankings do percurso direto do sucesso e “Um retrato desolador” sobre a percentagem de escolas com pelo menos 50% sem chumbos.

- Categoria atribuída: Reportagem com infografia
- Espaço ocupado: 2 páginas
- Tipo de escola: Pública

Na página 6, Samuel Silva realiza uma reportagem sobre a Escola de Vila Cova, com o título “Estávamos nas ruas da amargura, agora conseguimos chegar ao topo”.

- Categoria atribuída: Reportagem

- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Pública

Na página 8, Romana Borja-Santos assina uma reportagem com o título “Como tornar a “fraqueza da ruralidade” numa força” sobre a Escola Secundária de Porto de Mós que tinha sido a terceira escola de país com média mais elevada nos exames do secundário.

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 2 páginas
- Tipo de escola: Pública

Já na página 10, a Professora Conceição Portela da Universidade Católica Portuguesa realiza uma análise intitulada “O que nos dizem os vários indicadores de desempenho dos alunos?” em que dissecar como são calculados os percursos de sucesso acima e abaixo do esperado.

- Categoria atribuída: Análise
- Espaço ocupado: 2 páginas

Na página 12, Andreia Sanches assina um artigo de análise com o título de “Notas dos alunos: o que estamos a comparar e como?” analisando o procedimento sobre o qual foram realizados os contextos que compuseram o ranking do sucesso.

Juntamente a este texto, incluem-se tabelas com a caracterização dos contextos das escolas e o valor esperado do contexto a cada disciplina. No meio, uma caixa mencionando que “Fica no Algarve o agrupamento com menos professores no quadro”, um dos indicadores de contexto.

- Categoria atribuída: Notícia com tabela
- Espaço ocupado: 2 páginas

Já na página 14, Romana Borja-Santos assina uma reportagem “Na Josefa de Óbidos, o segredo é “não embarcar em grandes desvios de rota”

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 1 página e meia
- Tipo de escola: Pública

Na página 15, Samuel Silva realiza uma peça com o título de “Há dois colégios onde os alunos progredem sempre mais do que no resto do país”

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Caixa
- Tipo de escola: Privada

Na mesma página, uma tabela com o título “Quem progride mais a Português e Matemática?” sobre as escolas com maior progressão entre o 6º e o 9º ano em 2014/15 e 2015/16 e o 9º e o 12º ano em 2012/2013 e 2015/2016.

- Categoria atribuída: Tabela
- Espaço ocupado: Caixa

Na página 16, Bárbara Wong assina uma reportagem intitulada “Metade dos alunos não faz um percurso de sucesso em 78% das escolas”, analisando os resultados dos percursos de sucesso no ensino básico.

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Pública

Associada a esta reportagem está uma infografia com o título “Quantos alunos não chumbam no 7.º e 8.º anos e têm positiva nos exames do 9.º ano?” com os 5 melhores e 5 piores resultados

- Categoria atribuída: infografia
- Espaço ocupado: 1 página

Na página 17, Carlos Dias assina uma peça intitulada “Não fazemos escolhas. Temos os alunos que Deus nos dá”, uma reportagem sobre a Escola Secundária D. Manuel I em Évora, que ocupa o 32.º lugar

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 1 página

- Tipo de escola: Pública

A página 18 é dedicada a infografias que dispõem os melhores e piores resultados, juntamente com o seu valor esperado e as médias por exame; os cinco melhores resultados em cada contexto económico no ranking normal e no ranking do sucesso, bem como as médias por concelho e por género.

- Categoria atribuída: Infografia
- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Ambas

Nas páginas 19 a 27, estão presentes os rankings do ensino básico ordenados por concelho e distribuídos, em cada concelho, pelos rankings dos exames e os rankings dos percursos de sucesso.

- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 8 páginas

Na página 28, o *Público* realiza um Sobe e Desce, analisando a evolução de 9 escolas, em nove notícias sobre várias escolas, com a autoria de Clara Viana, Maria João Lopes e Leonete Botelho

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 2 páginas
- Tipo de escola: Mista

Na página 30 e 31, a Prof. Conceição Portela da Universidade Católica Portuguesa e a Prof. Ana Camanho da FEUP realizam uma análise aos rankings e aos novos indicadores de contexto.

- Categoria atribuída: Análise

A página 32 é dedicada a infografias que dispõem os melhores e piores resultados no ensino básico, juntamente com o seu valor esperado e as médias por exame; os cinco melhores resultados em cada contexto económico no ranking normal e no ranking do sucesso, bem como as médias por concelho e por género.

- Categoria atribuída: Infografia
- Espaço ocupado: 1 página

Nas páginas 33 a 36, está presente o ranking do secundário ordenado pelos resultados dos rankings das escolas com a presença dos rankings dos percursos de sucesso.

Na página 37, Samuel Silva assina uma notícia sobre “Dois terços das escolas que mais inflacionam notas são privadas” sobre a inflação das notas internas.

Por fim, nas páginas 38 a 47, está disposto o Ranking das Escolas do Ensino secundária ordenadas por distrito e concelho

- Categoria atribuída: Tabela dos Rankings
- Espaço ocupado: 9 páginas

5. Edição do *Público* de 8 de julho de 2022

A última edição dos rankings no *Público* que iremos analisar é a do ano de 2022. À altura, o jornal tinha como diretor Manuel Carvalho.

Na realização dos rankings, participaram os jornalistas Samuel Silva, Daniela Carmo, Clara Viana, Carlos Dias, Idálio Revez e Andreia Sanches.

Na primeira página, os rankings ocupam meia página no destaque “Escolas públicas de Lisboa, Coimbra e Porto fora do top 50 da lista do PÚBLICO” e o subtítulo “O colégio n.º 1 nos exames está em Paços de Ferreira”.

Os rankings, como nos anos anteriores, têm um caderno especial de 32 páginas dedicado ao assunto. Na primeira página do suplemento, o destaque é o mesmo da primeira página: “Escolas públicas de Lisboa, Coimbra e Porto fora do top 50 da lista do PÚBLICO”. Outros destaques da primeira página são:

- “No Algarve dos turistas o sucesso escolar pode ser uma miragem”
- “O colégio n.º 1 nos exames está em Paços de Ferreira”
- “José Verdasca “O insucesso de um aluno é o insucesso da escola, mas também da família e do município”

Nas páginas 2 e 3, o suplemento abre com uma secção de análise intitulada “O essencial dos rankings em 6 pontos” assinada por Andreia Sanches, com Ana Dias Cordeiro, Clara Viana, Rui Barros, Samuel Silva e Idálio Revez.

- O primeiro ponto tem como título de “Na “Capital do Móvel” há um estreante no 1.º lugar”
- “Escolas públicas de Lisboa e Porto fora do top 50 dos exames, em Leiria está a melhor média”
- “Nenhuma se superou tanto como uma escola de Mortágua. E foi “surpresa”
- “Algarve, caso de estudo. Porquê?”
- “Alunos pobres, alunos ricos”
- “Notas internas sobem”

Juntamente com cada ponto está associada uma tabela, sendo estas, respetivamente:

- “As cinco escolas do país com médias de exames mais altas”
- “As cinco escolas públicas com médias de exames mais altas”
- “As cinco escolas que mais superam o seu contexto”, com as suas posições nos rankings dos exames e da superação, face ao seu contexto e à média esperada e variações face a essa média esperada
- “As cinco escolas que mais ficam aquém do seu contexto” com as suas posições nos rankings dos exames e da superação, face ao seu contexto e à média esperada e variações face a essa média esperada
- “Os cinco agrupamentos de escolas que mais se destacam no indicador da equidade”, destacando as escolas com melhores valores no indicador da equidade fornecido pelo Ministério da Educação
- As cinco escolas profissionais que mais se destacam no indicador da equidade”, destacando as escolas profissionais com melhores valores no indicador da equidade fornecido pelo Ministério da Educação
- “Evolução das médias internas”, com a evolução das médias internas das disciplinas com exame entre 2020 e 2021
 - Categoria atribuída: Análise com tabelas
 - Espaço ocupado: 2 páginas

Na página 4, Samuel Silva assina uma peça intitulada “No colégio com a média mais alta, até nos feriados se preparam os exames”, uma reportagem sobre o Colégio Nova Encosta, que ocupa o 1º lugar dos rankings.

Na página 4 está ainda um gráfico com os dados do colégio com:

- Média nos exames do secundário
- N.º total de provas realizadas
- Posição no ranking dos exames de acesso ao superior
 - Categoria atribuída: Reportagem
 - Espaço ocupado: 2 páginas

Na página 5, Samuel Silva realiza uma notícia numa caixa com o título “Abertos 12 processos por inflação de notas”.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Caixa

Na página 6, Samuel Silva faz uma entrevista ao diretor do Colégio Nova Encosta, Rui Azevedo com o título “Todos os dias afino a máquina”

- Categoria atribuída: Entrevista
- Espaço ocupado: 1 página
- Tipo de escola: Privada

Já na página 7, Daniela Carmo realiza uma reportagem com o título de “A pública com melhor desempenho é uma “escola-família” de Leiria” sobre a escola pública com melhor resultado nos rankings.

Na página 7 está ainda um gráfico com os dados do colégio com:

- Média nos exames do secundário
- Média esperada face ao contexto
- N.º total de provas realizadas
- Posição no ranking dos exames de acesso ao superior
- Posição no ranking da superação
- Habilitação dos pais no ensino secundário (média do n.º de anos de escolaridade)

- Habilitação das mães no ensino secundário (média do n.º de anos de escolaridade)
- Alunos do 12.º ano com ASE
- Idade média dos alunos do 12.º ano
- Contexto da escola e tipo de escola
- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 1 página

Na página 8, Ana Dias Cordeiro assina uma reportagem com o título de “O lema da escola que mais supera o esperado é este: “Nenhum aluno é deixado para trás”” sobre a escola no primeiro lugar do ranking da superação.

Na página 7 está ainda um gráfico com os dados do colégio com:

- Média nos exames do secundário
- Média esperada face ao contexto
- N.º total de provas realizadas
- Posição no ranking dos exames de acesso ao superior
- Posição no ranking da superação
- Habilitação dos pais no ensino secundário (média do n.º de anos de escolaridade)
- Habilitação das mães no ensino secundário (média do n.º de anos de escolaridade)
- Alunos do 12.º ano com ASE
- Idade média dos alunos do 12.º ano
- Contexto da escola e tipo de escola
- Categoria atribuída: Reportagem
- Espaço ocupado: 1 página

Nas páginas 10 e 11, Andreia Sanches realiza uma entrevista a José Verdasca, coordenador da estrutura de acompanhamento do Programa de Promoção do Sucesso Escolar, com o título de “O insucesso de um aluno é o insucesso da escola, mas também é da família e do município”

- Categoria atribuída: Entrevista

- Espaço ocupado: 1 página e meia

Na página 11, Nuno Crato assina um texto de opinião com o título, “Mas, afinal, para que servem os rankings?”

- Categoria atribuída: Opinião
- Espaço ocupado: Meia página

Nas páginas 12 e 13, está presente um Sobe e Desce, realizado por Daniela Carmo e Márcio Berenguer, com 5 escolas em destaque: a Escola Artística António Arroio, em Lisboa; Escola Secundária José Relvas, em Alpiarça; Escola Básica e Secundária da Calheta, na Madeira; Escola Secundária Clara de Resende, no Porto

Aliados estes, estão os dados semelhantes aos presentes nas reportagens específicas.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 2 páginas
- Tipo de escola: Ambas

As páginas 14 e 15 têm um texto de Clara Viana analisando os resultados em relação à pandemia e às diferenças regionais, com o título de “Desigualdade entre alunos ainda marca a maioria das regiões”. Juntamente a esta análise, estão presentes dois gráficos

- “Quais são as regiões que mais puxam pelos alunos carenciados?” - um mapa com as diferenças em percentagem entre a quantidade de alunos com Ação Social Escolar e a média nacional comparável.
- “Os percursos dos alunos com Acção Social Escolar” - um gráfico com as escolas com mais e menos equidade no ensino secundário regular e no ensino secundário profissional

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 2 páginas e meia
- Tipo de escola: Pública

Na página 17, Carlos Dias assina a peça “De “liceu” das elites a campeão da equidade” sobre a Escola Secundária Mouzinho da Silveira, em Portalegre, que atingiu os melhores valores a nível da equidade.

Juntamente a esta reportagem, está um gráfico semelhante aos presentes nas reportagens de Daniela Carmo e Idálio Revez.

- Categoria atribuída: Reportagem com tabela
- Espaço ocupado: Meia página
- Tipo de escola: Pública

Um capítulo específico inicia-se com o título “Algarve, caso de estudo” na página 18. Na mesma página, Idálio Revez assina uma reportagem intitulada “No Algarve dos turistas o sucesso escolar pode ser uma miragem”, analisando o caso específico do Algarve no sucesso e na permanência escolar.

Na peça, está ainda presente uma infografia com o título “Alguns indicadores que fazem do Algarve um caso de estudo”:

- Médias nos exames do secundário
- Taxa de retenção no 12.º
- Conclusão do 1.º ciclo no tempo esperado
- Categoria atribuída: Reportagem com infografia
- Espaço ocupado: 2 páginas
- Tipo de escola: Pública

Na página 20, Samuel Silva realiza uma entrevista a João Eduardo Martins, professor na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, com o título de “Atracção por trabalho no turismo “leva jovens a abandonar a escola””

- Categoria atribuída: Entrevista
- Espaço ocupado: 1 página

Na página 22 e 23, Samuel Silva assina uma reportagem intitulada “Os exames não contaram para a nota e isso explica a queda das retenções”, sobre a queda das retenções naquele ano após a mudança nas avaliações. Associada a esta reportagem está ainda um gráfico com:

- Taxa de retenção ou desistência dos alunos, por ano letivo e ano de escolaridade
- Escolas onde mais baixou a taxa de retenção

Na página 23, está ainda uma peça integrada na temática da reportagem com o título “Não “chumbou” ninguém em 80% das escolas do 1.º ciclo”.

- Categoria atribuída: Entrevista
- Espaço ocupado: 2 páginas

Na página 24, Rui Barros assina uma peça com o título “Braga é o distrito onde a diferença entre alunos mais pobres e os outros é menor” sobre o caso específico do distrito de Braga, apresentando dois gráficos tocando nos seguintes tópicos:

- Diferença entre escalões A e sem ASE
- Diferença de médias entre alunos com escalão A e sem apoio social por disciplina
- Categoria atribuída: Notícia com Infografia
- Espaço ocupado: 2 páginas

Na página 25, Rui Barros assina uma notícia com o título “Notas internas sobem em ano de descidas nos exames”

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: Caixa

Já na página 26, a Prof. Maria Conceição Silva assina um artigo de opinião com o título “Os exames não obrigatórios e o empobrecimento dos indicadores de desempenho das escolas”, considerando que as medidas dos exames não contarem para aprovação de disciplinas.

- Categoria atribuída: Notícia
- Espaço ocupado: 1 página

A página 27 é dedicada a gráficos e infografias, com o título “Os resultados das escolas em dois rankings: o dos exames e o da superação”.

No que toca ao ranking dos exames, estão presentes vários fatores:

- Universo de escolas consideradas
- Provas consideradas nas oito disciplinas mais concorridas
- Melhores e piores médias às oito disciplinas com mais inscritos

- Médias por género
- Médias por concelho

No que toca ao ranking da superação, estão grafados os seguintes fatores, distribuídos pelos contextos favorável, intermédio e desfavorável:

- Habilitações dos pais
- Alunos sem Acção Social Escolar
- Oito exames no ensino secundário com mais inscritos
- As melhores e as piores posições no ranking da superação em cada um dos tipos de contexto

Na página 28 a 31, estão as listas dos rankings do secundário ordenado pelos resultados dos exames, mas com presença do ranking da superação.

VIII. Entrevistas

1. Entrevista a Andreia Sanches

Quais foram os motivos, em 2001, para se fazerem os rankings?

Tenho de contar um bocadinho da história porque as coisas estão interligadas... Nós, durante muito tempo, tínhamos solicitado informação ao Ministério da Educação, numa altura e num contexto em que a informação que estava disponível sobre o trabalho das escolas era infinitamente menor do que a informação que hoje em dia temos disponível.

Na altura, eram divulgados muito poucos dados que nos permitissem ter uma noção do que eram os resultados dos alunos. Os dados que existiam eram coisas bastante básicas e uma das informações que achávamos importante ter era, precisamente, os resultados dos alunos nos exames nas diferentes escolas.

Ao recusar sistematicamente divulgar esses dados desagregados ao nível das escolas, que obviamente existiam (o Ministério limitava-se a divulgar, na altura, médias nacionais), o Público decidiu que podia partir para outro tipo de instâncias e exigir que essa informação, que entendíamos ser de interesse público e pública por natureza, fosse prestada. Portanto, houve um pedido que foi dirigido à CADA, e a CADA acabou por dar razão aos jornais que a ela recorreram, dizendo que essa informação devia ser disponibilizada.

Na altura, o Ministro da Educação era Júlio Pedrosa. Era um ministro, tal como vários outros que o tinham antecedido, que tinha um grande receio da divulgação de dados escola a escola que permitissem aos jornais construir um ranking de escolas. E havendo essa pronúncia da CADA, de que esta informação devia ser disponibilizada, há uma nota muito curiosa do Júlio Pedrosa quando este divulga a base de dados. Nessa nota, o ministro alerta, de facto, para alguns riscos da disponibilização desta informação.

O Ministério nunca fez rankings, tirando quando o ministro David Justino encomendou um ranking à Universidade Nova de Lisboa, e que foi divulgado. Com essa exceção, o que quer Júlio Pedrosa quer os ministros que se lhe seguiram divulgaram foram bases de dados em bruto, aluno a aluno.

Obviamente que, nessas bases de dados, cada aluno tem um código, nós não sabemos o nome dos alunos, mas são bases de dados gigantes com a seguinte informação aluno a

aluno, para cada disciplina: a nota que tiveram no exame; a nota que tiveram ao longo do ano dada pelos professores; e a nota final. Depois, cada jornal optou, desde o primeiro momento, em 2001, por utilizar os seus critérios na forma como constroem os rankings de escolas.

As pessoas às vezes perguntam: "Porque é que os rankings são tão diferentes de jornal para jornal?". São diferentes porque o ministério, com a exceção que já referi, se limita a divulgar bases de dados em bruto. E cada jornal pode valorizar aquilo que entende na forma como vai trabalhar esses resultados e como vai ordenar as escolas. Pode-se trabalhar a informação de maneiras diferentes, em última instância, não se tem necessariamente de apresentar as escolas num ranking de 1 a 600, em função das médias. E nós próprios, no Público, começámos, a partir de certa altura, a fazer não um ranking, mas vários rankings, e em cada um privilegiamos critérios diferentes.

Quais foram os maiores desafios de fazer o primeiro jornal?

Em 2001 tínhamos aqueles dados que eram ainda muito incompletos. Publicámos informação para as 600 escolas. E publicámos na íntegra a lista ordenada das 100 melhores classificações.

A base dos critérios que usámos para calcular as notas médias dos exames em cada escola não sofreu grandes alterações. Nós só tínhamos em conta os alunos internos e deixávamos de fora os alunos que se auto-propunham a exame, porque achávamos que num caso em que o aluno só vai à escola para fazer um exame, mas não foi aluno da escola, não frequentou essa escola, não era justo que a sua nota contribuísse para, de alguma maneira, "avaliar" o trabalho de uma escola.

Ou seja, pode ser um aluno muito bom que tem uma média espetacular a Matemática ou uma nota péssima a Matemática, mas a verdade é que a escola não é responsável pelo que esse aluno externo aprendeu a Matemática, ele foi lá só simplesmente fazer exame. Portanto, nós deixamos esses alunos de fora do cálculo da média de cada escola.

Eu diria que o grande desafio deste primeiro número foi ter de se fazer toda uma reflexão sobre, perante todo aquele manancial de informação, toda aquela enorme base de dados, o que é que fazíamos, quais eram os critérios e como é que justificávamos esses critérios. Acabei de dar um exemplo: Temos aqui uma base de dados escola a escola, quais são os alunos a considerar e porquê? Porque é que vamos incluir uns e excluir outros? No

fundo, o primeiro grande desafio, a partir do momento em que essa base de dados vem, é refletir sobre quais são os critérios mais justos.

O que nós pretendemos quando queremos divulgar resultados escola a escola (e isso não mudou ao longo destes 20 e tal anos de rankings) é dar informação à comunidade sobre o trabalho das escolas.

Às vezes há a ideia de que os rankings são muito castigadores, sobretudo para escolas que têm contextos mais difíceis. Mas a ideia nunca foi essa e por isso é que, à medida que fomos tendo mais informação, fomos olhando para as escolas com diferentes olhares.

A ideia é, essencialmente, dar à comunidade informação sobre os resultados em cada escola e tentar procurar respostas para esses resultados. Porque é que uma escola A tem melhores resultados que uma escola B, o que é que faz a diferença? São os professores, são os alunos? É o contexto socioeconómico? É porque a escola tem melhores infraestruturas? É porque tem mais computadores? É porque tem determinado tipo de atividades extracurriculares? Aqui (nos rankings de 2001) a análise foi ainda muito básica porque a informação que havia era ainda muito básica.

Outra preocupação foi procurar ajuda. Nós pensámos: “Nós somos jornalistas, somos especialistas em educação, mas isto é uma informação completamente nova”. E desde o primeiro momento, fomos à academia procurar quem nos ajudasse a pensar e a tomar decisões sobre os critérios a adotar. Na altura, tivemos a colaboração de dois professores do CESOP da Universidade Católica, que nos ajudaram nesta reflexão e análise de dados. E hoje, desde há vários anos, trabalhamos com a Professora Conceição Silva da Católica Porto Business School.

Procurámos essa ajuda na academia e continuamos ainda hoje a ter esse apoio e muito mais pessoas ao longo destes anos têm contribuído para este trabalho. Temos envolvido muitos académicos, muitos investigadores.

Outra preocupação em 2001: como é que apresentamos a Lista? Nós optámos por apresentar a lista ordenada com as 100 escolas com melhores médias de exame, da melhor para a pior média, e depois dar informação disciplina a disciplina para todas as escolas.

Fizemos também uma coisa na altura, ainda não tão aprofundada como fizemos depois em edições posteriores, que foi analisar como é que se comparavam as notas no público e no privado. Sem grandes surpresas, os colégios tinham notas muito boas e, com o passar dos anos, foram dominando cada vez mais o topo dos rankings.

E fizemos uma análise regional. O José Manuel Fernandes punha muito a tónica aí: “como é que isto se distribui?” Percebemos rapidamente que havia grandes diferenças regionais.

Também tivemos de refletir sobre que disciplinas íamos ter em conta, porque há exames a uma série de disciplinas. E decidimos que seriam as que têm mais alunos inscritos a exame. E continua a ser esse o critério na escolha das disciplinas.

Nessa altura, 2001, fomos também fazer uma reportagem ao Colégio Sagrado Coração de Maria, que era a escola com melhor média.

E fizemos uma primeira abordagem a algo que também aprofundámos em edições posteriores, e que é um tema que ainda hoje continua muito na ordem do dia: a inflação das notas, ou seja, a disparidade que se verificava em algumas escolas entre as notas que os alunos tinham nos exames e as que os professores lhes davam ao longo do ano.

A inflação das notas é um tema que, apesar de andarmos a discutir há mais de duas décadas, ainda não se resolveu, sabendo que é um fator que gera muitas injustiças.

Nos primeiros rankings notou-se uma análise mais sistemática do que individualizada, olhando mais para as escolas, foi porque ainda estavam a descobrir como fazer ou foi uma escolha só fazer esta reportagem a uma escola privada?

Há uma coisa muito importante nas opções que se fizeram e, depois, na evolução da cobertura que se foi fazendo no *Público* e nos outros jornais também: a informação que, ao longo dos anos, foi sendo disponibilizada por parte do Ministério foi sendo cada vez maior e, quanto mais informação nós temos, mais abordagens diferentes conseguimos fazer.

Nós só podemos fazer vários rankings, como hoje em dia fazemos — em cada edição, fazemos vários rankings, que medem coisas diferentes — porque há informação disponibilizada em bruto para isso, que depois nós trabalhamos.

Vou dar um exemplo: aqui [2001] tínhamos apenas as notas dos alunos e isso é muito diferente de ter, como temos hoje, informação sobre o contexto socioeconómico das escolas, sobre quantos alunos em cada agrupamento de escolas têm Ação Social Escolar, ou seja, são mais pobres. Se eu tenho esta informação, já faço outro ranking.

Aqui, em 2001, eu não tinha essa informação. Só tinha notas, mais nada. Portanto, eu não conseguia fazer cruzamentos [com outros indicadores]. A análise era mais simples, tinha menos variáveis, e isso tem a ver com o facto de não termos mais elementos além das notas.

A única entidade que nos podia dar informação sistemática sobre o contexto das escolas era o Ministério. Portanto o que é que nós podíamos fazer aqui [em termos de reportagem]? Fomos à escola com melhor nota. Foi a opção. Contudo, nas páginas seguintes nessa edição de 2001 fala-se de várias outras escolas. Não fomos lá, mas falámos com várias escolas.

Depois, não me recordo a esta distância quanto tempo tivemos para trabalhar esta informação. Foi uma primeira abordagem. É um pontapé de saída para uma coisa que nunca tinha existido.

Quais foram as razões para os rankings estarem em destaque em 2001 e depois em caderno nos restantes anos?

A razão pela qual os rankings passaram para o caderno é o facto de se ter tornado numa empreitada enorme e nós achávamos, verdadeiramente, que não fazia sentido separar metade de uma abordagem no destaque e metade num suplemento.

O suplemento de 2001 tinha 16 páginas, com mais oito páginas de destaque. Nos últimos anos, estamos a fazer suplementos que andam à volta das 46. Passámos a fazer suplementos gigantes porque os ângulos de análise foram aumentando cada vez mais - a certa altura começamos a ter também para o ensino básico e com cada vez mais informação.

Nós quisemos muito envolver as escolas nisto. Os rankings são sempre um momento em que vamos a muitas escolas ouvir muitos professores, muitos diretores e conhecer realidades muito diferentes. É uma oportunidade e é uma das grandes vantagens deste exercício. Este é um momento do ano em que se mostra muito o trabalho das escolas, em que se lhes dá grande visibilidade e, para nós deixou de fazer sentido, do ponto de vista editorial, partir o trabalho ao meio, sair uma parte no caderno principal e uma parte num suplemento.

Mais importante [do que ser ou não destaque do jornal], do ponto de vista da relevância que damos ao assunto, é qual é o espaço que isto tem na primeira página do jornal. E é sempre o tema principal da primeira página do jornal desse dia, até hoje.

Em 2006 passa a haver muitas mais reportagens a escolas. Há um foco em tentar equilibrar o público e o privado?

Sim. Mas convém voltar um bocado atrás. A grande razão pela qual nós conseguimos ir alargando as reportagens e os ângulos de análise é mesmo o facto de começarmos a ter mais informação sobre as escolas. Essa é a principal razão. A partir do momento em que se tem mais informação conseguimos ir procurar outras respostas.

Eu dou um exemplo: nós, este ano (2023), olhámos com mais atenção para o papel das atividades extracurriculares. Os rankings são feitos com base em notas nos exames ou em taxas de conclusão. As atividades extracurriculares não dão direito a nota nem ninguém chumba por causa delas. Mas com uma base de dados sobre as atividades extracurriculares em cada escola, e o Ministério forneceu-nos uma, podemos procurar explicar os resultados dos alunos com mais essa variável.

De facto, com os anos, houve uma complexificação da nossa análise, porque fomos tendo cada vez mais matéria para pensar.

Sobre o público e privado, começámos a pensar que sim, que tínhamos de tentar aqui equilibrar [reportagens num e noutra tipo de escolas], mas, na verdade, acho há sempre um peso que a escola pública tem maior que o sector privado, até porque representa a esmagadora maioria dos alunos.

Em 2006, a reportagem toma uma maior presença na cobertura e o ensino público passa a ter precedência. Acham que é importante que a escola pública tenha essa precedência porque tem mais alunos?

Não colocaria as coisas assim. O grande interesse dos rankings é dar informação à comunidade sobre o trabalho das escolas, divulgando dados, taxas de sucesso, notas dos alunos, mas também o contexto em que essas escolas se inserem. E tentar perceber se essas escolas superam o seu contexto, ou se ficam aquém do seu contexto. Isso é o grande interesse dos rankings. Não é só dizer que a escola A tem 15 de média e escolas parecidas com a escola A têm média de 10.

A escola A pode não ser a melhor do país, pode não estar no top 50, mas se ela, comparada com escolas parecidas, com o mesmo tipo de alunos e com o mesmo tipo de contexto, está 5 pontos acima, isso é incrível e vamos então lá tentar descobrir o que é que a escola A tem e vamos fazer reportagem porque pensamos: "se esta escola consegue ter um desempenho tão acima das escolas parecidas com ela, vamos lá, tentar perceber o que eles ali fazem de diferente".

Porque o que nós também pretendemos com os rankings, é mostrar escolas que surpreendem nos resultados que têm, darmos-lhes voz para explicar o que fazem, e assim dar o nosso pequeno contributo para inspirar outras, e para inspirar decisores políticos com as boas ideias que podem retirar dessas escolas que se superaram.

Portanto, como é que nós escolhemos as escolas onde vamos fazer reportagem? Quando já temos os dados trabalhados, fazemos uma discussão interna. Vamos ver 2006: ao contrário do que se passava em 2001, quando tinhas no top 50 das médias mais altas 29 escolas públicas e 21 privadas, em 2006, começa-se a notar que as privadas começam a dominar o topo dos rankings. Geralmente tentamos fazer uma reportagem ou falar com o diretor da escola que mais se destaca e que, geralmente, é uma privada.

Quando aparecem novas escola no topo do ranking, pela primeira vez no primeiro lugar, ainda mais interesse tem. Se o primeiro lugar fosse sempre ocupado pela mesma escola estávamos sempre a fazer a mesma reportagem todos os anos. Não tem acontecido assim, logo é interessante descobrirmos escolas novas.

Não é uma regra estabelecida e inquebrável, mas em geral escolhemos fazer uma reportagem na escola com a média mais alta. Logo, se é privada, temos aí uma privada.

Depois olhamos para os resultados e vamos perceber qual é a primeira escola pública no ranking. Se ao final de x anos for sempre a mesma e, a certa altura, era sempre a Infanta D. Maria, não vale sempre a pena estarmos sempre a voltar à Infanta D. Maria: falávamos com o diretor sobre o que é que acontecera, que tipo de alunos é que tiveram naquele ano, se alguma coisa mudara... Mas procurávamos ir fazer reportagem a outra escola que fosse mais surpreendente e que fosse também uma das melhor colocadas no ranking.

A partir do momento em que começámos a ter informação sobre os dados de contexto começámos também a ir às escolas que mais superaram os resultados previstos para o seu contexto. Ou a escolas que estavam pior ou que sistematicamente estavam mal.

Nesta edição (2006), fomos a Mesão Frio porque tinha tido a média mais baixa do país quando, anteriormente, já tinha estado na primeira parte da tabela, ou seja, tinha sido uma escola que, de repente, tinha tido uma descida muito acentuada. Esse é outro dos critérios que usamos para definir a que escolas é que vamos: as mudanças significativas.

Portanto, para sintetizar, o primeiro critério é que, em geral, gostamos de ir às escolas que ocupam a primeira posição, seja ela pública ou privada. Ir a uma que se destaca no ranking geral das notas, ir lá falar com o diretor e ver os alunos. O segundo critério é ir à escola pública que mais se destaca nas notas. Sobretudo se for uma escola nova que apareça pela primeira vez no primeiro lugar das escolas públicas.

Outro critério, são escolas que fizeram progressões ou registam descidas muito acentuadas. Uma escola como esta em 2006, Mesão Frio, que de repente tinha a pior média do país, mas que já tinha estado no lugar 206º. O que é que aconteceu nesta escola para ter descido 400 lugares? O que é que aconteceu aqui, porque é que isto aconteceu? Os professores mudaram? Os alunos mudaram? Têm outras comunidades escolares? O que dizem os diretores, é preciso uma intervenção mais musculada nesta escola? Ela não está a ter os recursos para garantir uma boa educação aos seus alunos?

Outro critério, [o das escolas que mais ou menos se superam] surge a partir do momento em que começámos a ter dados de contexto e começámos a fazer rankings por contexto, ou seja, a ordenar do melhor para o pior desempenho escolas não pela média *tout court*, mas porque se superam mais ou menos face aquilo que delas seria esperado (esse, para mim, é o ranking mais importante).

Portanto queremos ir às escolas que mais se superam e, às vezes, também, ir a escolas que ficam muito aquém do que se poderia esperar. Se uma escola num contexto desfavorecido tem uma média de exame de 11, mas escolas do contexto desfavorecido parecidas têm 14, queremos perceber porque é que esta escola não está a conseguir que os seus alunos fiquem, no mínimo, em média com os alunos que têm características parecidas. Esse é um pretexto para fazer uma reportagem.

Há ainda outro critério que são escolas que sistematicamente não saem do fim da tabela. Temos de ir lá e falar com os diretores e perguntar porquê. Se esses resultados têm a ver com o contexto das famílias dos alunos que servem, se o Estado lhes está a garantir os meios para ultrapassarem [os problemas] e conseguirem puxar por estes alunos ou não. Mais de que procurar equilíbrios [em termos de número de artigos ou reportagens] entre público

e privado... acho que aqui nunca há um equilíbrio porque o que é mais representativo no nosso sistema educativo é o ensino público. Vamos sempre a mais escolas públicas do que privadas, até porque as privadas não é assim tão surpreendente que tenham resultados melhores. E um dos critérios do jornalismo também é “o que é mais surpreendente”, para o bem e para o mal.

Se houver um privado que sistematicamente tenha maus resultados, também podemos lá ir fazer uma reportagem e depois descobre-se, por exemplo, que aquele privado (e isto acontecia quando havia contratos de associação) é um privado que serve populações mais desfavorecidas, mais frágeis.

O Público sempre quis estes valores de contexto?

Absolutamente. Essa foi sempre uma guerra do *Público* porque quanto mais informação tivermos melhor trabalho conseguimos fazer, mas, sobretudo, um trabalho mais útil.

Este salto de 27 de agosto de 2001 foi um grande salto em termos de tornar pública informação que nós achávamos e achamos que deve ser pública e deve ser devidamente enquadrada. E nós nesta fase em 2001 podíamos enquadrar de forma empírica, falando com escolas, com investigadores, mas não tínhamos dados para enquadrar as notas puras e duras dos alunos.

A partir do momento em que essa informação foi sempre divulgada em 2012, fazemos com a Universidade Católica o cálculo do chamado valor esperado de contexto que tem em conta essencialmente três critérios, um dos quais é a percentagem de cada agrupamento tem de Ação Social Escolar.

Isto é um passo gigante porque, de repente, temos ali, escola a escola, um conjunto de dados que nos permitem perceber se aquela escola tem uma comunidade mais desfavorecida, menos desfavorecida, com alunos com mais repetência ou menos repetência, porque o outro indicador é o da idade que passa a estar disponível porque temos em conta neste cálculo qual é a idade média que é um indicador que nos revela que aquela escola está a trabalhar com alunos mais que com mais repetências acumuladas. E nós sabemos que repetir de ano é um dos grandes preditores de insucesso. É mais difícil para alunos que já acumularam chumbos depois terem percursos limpos de chumbo.

Este é um novo marco de facto e, ao longo dos anos, fomos tendo cada vez mais informação e esse processo continua.

No atual Governo temos assistido a uma evolução brutal na informação e na informação na divulgação de dados que fazem todos os anos e acho que fazer muito mais ainda. Eu acho que há uma série de problemas que existem do ponto de vista para os jornais.

Nós já temos muito, mas ainda continua a ser uma enorme empreitada para os demais trabalharem estas bases de dados, porque há uma série de problemas técnicos nas bases de dados que nos são facultadas. Elas não casam facilmente umas com as outras, elas estão dispersas, a informação está dispersa. Há coisas que para juntarmos temos de ter uma série de conversões que acabam por dificultar muito este trabalho.

Porque o Ministério trabalha de facto com bases de dados muito diferentes: os exames, a avaliação, as bases de dados das escolas onde as escolas introduzem a sua informação sobre os alunos.

Portanto, aquilo não casa bem. Mas, mesmo com essas dificuldades técnicas todas e uma imagem para melhorar, tem vindo a ter uma evolução incrível.

Sim, foi um salto significativo. Foi muito importante e era uma coisa que nós ambicionávamos há muito tempo, poder ter acesso a informação mais completa.

Há uma dificuldade desse tratamento de dados, de passar em linguagem estatística para linguagem jornalística?

Os Rankings são o trabalho mais difícil que qualquer equipa de jornalistas da área de educação faz num jornal. Envolve pessoas com diferentes competências e envolve um trabalho estatístico que não é comum no tipo de trabalho normal que se faz numa redação. É mesmo um trabalho que foge um bocadinho daquilo que é a regra do trabalho normal numa redação e é bastante difícil.

E a primeira preocupação é tentar, no fundo, trabalhar dados sem cometer erros. É muito fácil, quando estamos a cruzar tantas bases de dados, poder haver problemas. E temos de estar constantemente a refletir as opções que tomamos. E agora fazemos o quê? E como é que se justifica esta decisão? Porque é que eu estou a tirar estes alunos [deste cálculo]? Porque é que devo incluir aqueles?

Daí eu estar a dizer que é importante trabalharmos sempre com a academia aqui, trabalharmos diretamente com uma professora de estatística, pedir a pessoas que nos ajudem a pensar, contribuindo com artigos de opinião, com análises dos dados. Partilhamos com essas pessoas os dados que trabalhamos.

É muito importante ter aqui académicos e investigadores connosco, a ajudarem-nos a tomar as decisões, para nos ajudarem e estarmos seguros.

Como é que depois nós, jornalistas, trabalhamos isto em linguagem simples? É um esforço que faço sempre, mas ficamos sempre com aquela dúvida se estamos a ser suficientemente bem-sucedidos nessa tarefa. Acredito que haja um nível de detalhe de informação que as pessoas não querem saber e até se aborrecem [se for em excesso]. Por isso é que fazemos, há muitos anos, uma coisa que é explicar como fazemos os rankings [em formato “Perguntas e Respostas”], tentando ir ao detalhe, porque depois se nós não damos o detalhe, também temos leitores a mandarem-nos e-mails a dizer: “não percebi como é que fazem este cálculo ou como é que justificam esta opção, este tratamento estatístico.”

Então, tentamos fazer sempre um “perguntas e respostas”, que vai a um nível de detalhe cada vez maior, porque sentimos que temos ali uma comunidade de leitores muito atentos e muito exigentes e que questionam, e ainda bem, as opções que nós tomamos.

E tentamos, nos textos das grandes conclusões e nos textos das reportagens, aliviá-los um bocadinho dessa parte técnica de explicação tão detalhada das opções, pôr as grandes conclusões e remeter sempre para esse “perguntas e respostas”, aonde quem quer saber mais pode ir. Para quê? Para tentar que o leitor mais desinteressado destas coisas [mais técnicas], que simplesmente tem interesse em saber como é que ficou a escola do seu filho, ou a escola que fica na sua cidade, ou que fica na cidade onde os seus filhos estudam, leia a reportagem e aquilo não seja impercetível, não seja demasiado aborrecido, demasiado técnico.

Portanto, sim, é um grande desafio transformar rankings numa escrita apelativa, com ritmo, compreensível.

Em 2022 o *Público* decidiu fazer um caso de estudo. Porquê?

Uma vez mais, à medida que vamos tendo mais dados... em 2021, tínhamos feito um grande trabalho sobre 20 anos de rankings. O que é que nos dizia uma leitura integrada de 20 anos de rankings?

À medida que os anos foram passado, em cada edição, para além dos resultados puros e duros das listas, das reportagens que fazemos em escolas e das entrevistas, fomos tendo cada vez mais informação que nos permitia ter uma visão integrada. Ou seja, temos um manancial de anos de informação.

O Algarve tem sido, há já algum tempo, apontado por investigadores como uma região que tem, nalguns indicadores de sucesso escolar, resultados piores do que o resto do país. E quando se vai olhar para o que nos dizem os números dos rankings no *Público* verificamos que isso é, de facto, evidente.

Por isso, a grande reportagem desse suplemento [de 2022] foi o Algarve e pudemos pegar aqui nestas várias pontas.

O ministro também se tinha referido, uns meses antes, ao Algarve, dizendo: "É preciso olhar com mais atenção sobre o que se passa no Algarve."

Um ano ou dois anos antes, tinha-me dado também uma entrevista dizendo: "Há uma disparidade nos resultados entre Norte e Sul e era interessante percebermos melhor isto."

E, portanto, nós decidimos fazer trabalho jornalístico: essencialmente, ir falar com quem está no terreno, com os professores, com pessoas que trabalham com alunos (mesmo em projetos extracurriculares), com alunos, cruzando dados, testemunhos e reportagens no terreno sobre as especificidades do Algarve.

Foi muito interessante, porque permitiu olhar para as aspirações de uma juventude numa região muito turística, onde se começa a trabalhar cedo, muitas vezes em trabalhos de verão no turismo, e a ganhar algum dinheiro, a ganhar alguma autonomia e ver se isso tem impacto nos percursos que as pessoas querem fazer. Tem, várias pessoas nos disseram que acham que tem, de facto.

Portanto, o motivo para escolher o Algarve foi o facto de o Algarve ter piores resultados em vários indicadores, taxas de insucesso mais altas, notas mais baixas, etc e várias pessoas nos terem assinalado isso, esse foi o motivo. O ministro já tinha dito "temos que ver

o que se passa”. E, portanto, nós fomos para o terreno, uma vez mais, procurar algumas respostas.

Os Rankings, ainda hoje, são controversos e o *Público* deu plataformas às duas perspectivas. Qual é o papel que os rankings ainda têm hoje e vão ter no futuro?

Tem vários. O debate é ótimo, é ótimo ter pessoas a discutir — e sim, o Público sempre fez questão de dar espaço às diferentes opiniões sobre o que estes resultados nos mostram e sobre a existência dos próprios rankings.

As pessoas discutem, questionam o que é que fazemos com eles, mas já ninguém questiona que esta informação é essencial e importante e deve ser pública.... Ou muito poucas pessoas o questionam. Mesmo quem é contra o que questiona é se deve haver uma lista ou várias listas, mas não a informação. Acho que é pacífico que tornar a informação pública é uma coisa importante.

Depois, pode-se questionar como é que os jornais a trabalham e o que é que fazem com ela. E há muita gente que é contra a existência de rankings como nós os fazemos, de ordenar escolas.

Mas acho que os rankings são importantes porque: são um momento do ano que promove a ida de jornalistas às escolas, escolas que não são as que estão necessariamente na agenda mediática, diretores que não são os que estão todos os dias nas televisões e nos jornais, são outros; falar com alunos; falar com pais... ir ao terreno. É um momento em que, de alguma maneira, há este grande enfoque na educação, nas escolas e no trabalho que elas estão a fazer. Isso é uma coisa boa.

Nós próprios, enquanto jornalistas de educação, temos feito descobertas muito interessantes, quando, por causa de um número que as bases de dados nos revelam, vamos ver “porque é que esta escola tem este número” e por trás desse número há uma história para contar, há um projeto educativo com imenso interesse ou um grupo de professores super inspirador ou um diretor que tem uma estratégia diferente, ou grupos de alunos que de repente se envolvem em projetos... e é essa a história que está por trás daquele número. E isso é muito interessante. Portanto, eu acho que os rankings têm esse mérito.

Depois, de um ponto de vista mais estrutural, seria de esperar que ao final de tantos anos a escolas que têm sistematicamente maus resultados já lhes tivessem sido dados os

meios necessários para darem a volta. Portanto, os rankings não resolveram problemas. Os rankings simplesmente mostraram problemas. Mostraram projetos incríveis e mostraram problemas estruturais. E também mostram quando é que esses problemas estruturais não estão a ser atacados.

Porque, se temos grupos de escolas que estão sistematicamente com resultados muito fracos, é porque não estamos a ser capazes de intervir.

É importante, também, que se mostre que os rankings não servem para castigar escolas, nem para premiar escolas, servem para dar informação à comunidade. Servem para nos ajudar a fazer as perguntas aos autarcas, ao Ministério da Educação, a quem tem responsabilidades de dar e fornecer recursos às escolas. Servem para dar visibilidade às escolas e ao discurso das escolas e aos projetos das escolas. Portanto, sim, para mim têm muitas vantagens.

Uma das críticas que são apontadas é que os rankings funcionam numa ideia de pôr escolas a prestarem contas. Considera que isso continua a ser um dos objetivos ou é algo mais estrutural ou são os dois?

Ambas as coisas. Os rankings ajudam-nos a colocar questões: “Porque é que sistematicamente esta escola, este grupo de escolas têm resultados tão fracos?”. Ajudam-nos a pedir responsabilidades a quem tem a responsabilidade de dar os meios, mas também nos ajuda a perceber o trabalho que aquela escola está a ter.

Quanto a essa questão de prestar contas... Claro que sim, mas todos nós, de alguma maneira, prestamos contas sobre o trabalho que fazemos. Se há uma escola que se distingue muito por ter resultados muito acima daquilo que é esperado tendo em conta o seu contexto, é importante dar visibilidade ao que ela está a fazer bem, porque tem um bom projeto, ou porque terá uma boa liderança ou porque tem professores fantásticos, mas também porque lhe estarão a ser dados os meios para fazer bem. E o contrário também é verdade. Se há uma escola que sistematicamente está a ter resultados que ficam aquém, alguma coisa está a fazer mal. Depois, a questão é a responsabilidade é da direção dessa escola, é a liderança da escola? Ou é porque não lhes estão a ser dados os meios, porque há uma intervenção do estado ou da autarquia que falta? A nós jornalistas isto serve para fazer perguntas. Perguntas a uns e a

outros, à escola e a quem define as políticas e a quem lhes dá os meios. Portanto é ambos, sim.

O jornalista tem de olhar para os dados, interpretar os dados e fazer perguntas. “Porque é que esta escola se distingue entre outras semelhantes?” Fazer uma reportagem é isso, é ir ao terreno fazer perguntas e escrever aquilo que nos é dado e procurar, se for o caso, aquilo que não nos é dado a ver, e chegar lá por outra via: falar com o diretor, falar com alunos, falar com os professores, falar com a comunidade, falar com os assistentes sociais da escola, se for preciso, com os psicólogos da escola... e se for caso sair dali e ir fazer mais perguntas.

Dou um caso concreto numa escola: a certa altura perguntei a um diretor de uma escola se face às características da escola ela não devia ser uma escola incluída num Território Educativo de Intervenção Prioritária, as chamadas escolas TEIP, que têm direito a apoios extraordinários. Mas o diretor na altura respondeu que não queria ser uma escola TEIP porque achava que isso era um estigma para a escola. E eu achei que aquilo merecia uma pergunta ao Ministério da Educação: como é que veem o facto de haver um diretor de uma escola que tem estas características e estes problemas que diz que não quer estes apoios porque acha que isso é um estigma? Ou seja, fui falar com o diretor, falar com a escola, depois fui fazer perguntas ao Ministério. Uma reportagem é isso, é fazer perguntas a todos.

2. Entrevista a Rui Barros

Como fazem o tratamento dos dados? Podes dar uma análise mais geral sobre isto?

Uma das principais falácias que surge na opinião pública é esta ideia de que os rankings são uma coisa que já existe, o que existe é a divulgação de uma base de dados contém todas as notas de todos os exames feitos em Portugal.

Essa é a base de dados da base de dados. É a partir dessas bases que os diferentes órgãos de comunicação social, incluindo o *Público*, constroem o tão famoso ranking das escolas.

Obviamente com nuances porque, no fundo, cada órgão aplica a metodologia que assim entende e que considera que é mais válida. No caso do *Público*, elas mudam de ano para ano. Eu faço a análise há quatro anos e os rankings foram sofrendo mutações ao longo dos anos.

O que é feito é uma média entre as oito disciplinas mais concorridas a nível nacional, às outras disciplinas que tiveram mais exames e depois usa-se essa mesma base de dados para calcular, no fundo, por escola, uma média aritmética com o bolo total das provas que foram feitas às oito disciplinas.

Obviamente que estamos diante de alguns problemas: se eu comer duas galinhas e tu não comeres nenhuma, em média, os dois comemos uma galinha cada um. Isto para dizer que, quando temos valores muito baixos do número de provas, a média deixa de ser muito representativa e, portanto, é necessário calcular um teto mínimo de provas para que aquela escola conste no ranking.

Além disso, são também calculadas médias por disciplina porque já selecionamos as tais 8 disciplinas.

Por isso é que a expressão é mesmo no plural: rankings das escolas, há múltiplos rankings. Assim, também é calculado uma média por disciplina para cada uma das escolas, logo conseguimos ver a melhor escola que teve a melhor média a Matemática.

Refiro Matemática e Português porque são as mais concorridas sempre todos os anos, por razões óbvias: porque é comum a todas as áreas científicas e a matemática na área científica com mais alunos em Portugal, mas fazemos isso para as restantes. Isto tudo para o ensino secundário.

Para além disso, e porque nós sabemos que as escolas têm contextos sociais diferentes, é feito outro cálculo que nada mais é do que uma distribuição de escolas por contextos sociais, usando a outra base de dados que o Ministério fornece a pedido do *Público* que contém informação sobre o contexto socioeconómico das famílias dos alunos que frequentam um determinado agrupamento.

Os dados também são sempre relativos ao ano anterior. Ou seja, neste ano nós publicamos os rankings de 2022 e os dados são relativos a 2021.

No fundo, nós fazemos essa primeira atribuição ou distribuição de escolas por contextos sociais, com base na percentagem de alunos com Ação Social Escolar e na escolaridade dos pais.

Fazemos essa distribuição com base nestes indicadores para sabermos, no fundo, se aquela escola está num contexto favorável ou num contexto desfavorável.

Isto tudo, ressalve-se, apenas para escolas públicas de Portugal Continental porque são as únicas para as quais temos dados para fazer essa atribuição.

É com base nesses contextos sociais que são calculados os valores esperados para determinado contexto. Quanto é que é esperado que uma escola, estando no contexto desfavorável ou favorável, venha a ter a determinada disciplina e à soma das disciplinas. E esse valor é depois confrontado com o valor da média - a tal média aritmética - para, no fundo, calcularmos um ranking a que nos chamamos ranking da superação, ou seja, a capacidade de uma escola tem de superar um contexto.

Se essa escola, depois olhando para a sua média aritmética, tem um valor muito acima do normal, é uma escola que superou bastante o seu contexto e foi capaz, mesmo sendo muito compatível com outras escolas em contextos sociais muito desfavoráveis, de se superar bastante. Assim conseguimos esse ranking de superação.

Todos os anos trabalhamos em cima destas bases de dados porque há sempre mil e uma histórias para contar a partir daqui e outros trabalhos que se podem fazer em cima deles.

Quais são os maiores desafios, enquanto jornalista de dados, em fazer os rankings?

O maior desafio é a falta de dados. Nós só conseguimos trabalhar com aquilo que nos é fornecido. Obviamente, muitas vezes temos muito aquela ambição de que era muito mais interessante perceber mais isto e mais aquilo, mas estamos limitados a esses dados.

Não adianta *wishful thinking*. Não adianta pensar "Era bom se nós tivéssemos isto".

Este ano (2023) pensámos: "Era bom termos a quantidade de atividades extracurriculares que os alunos têm.". Pedimos ao Ministério da Educação e, efetivamente, essa base de dados existia e eles forneceram.

Mas muitas vezes os dados não existem, e isso é sempre o grande desafio, ou seja, conseguir ir mais além de uma simples média aritmética, que é o básico do básico. Queremos ir um bocadinho mais além disso e o grande desafio é mesmo esse: Batemos agora contra uma parede porque não há mais informação. Gostaríamos de a ter, mas não existe.

Achas importante haver o enquadramento dos dados dos rankings?

É importante e aplica-se ao ranking das escolas e a todo o jornalismo de dados. É importante haver esse enquadramento estatístico do contexto social das escolas, mas é também importante haver um contexto qualitativo. E quando eu digo qualitativo, digo uma ida às próprias escolas e um contacto com a entrevista que depois traduz-se em reportagem. É o que nos permite entender um pouco melhor e ir além dos números, no fundo. Sim, isso é importantíssimo, sem dúvida.

Vale a pena continuar a fazer os rankings?

Eu acho que sim. Acho que é uma ferramenta útil e é - acho que as pessoas às vezes desvalorizam muito isto - uma das vezes em que em Portugal se discute educação num ciclo noticioso onde há reportagens em escolas. Apesar de tudo, é raro os jornais irem às escolas, este é um dos métodos para irem. Eu acho que isso é muito positivo, conhecer outras realidades.

Acima de tudo, é um *gentle reminder*, um lembrete muitas vezes de que o país não é todo igual, o país não se resume ao Porto e Lisboa e que ele tem também contextos muito diversos.

E quando nós falamos muitas vezes da escola pública, falamos como uma coisa só, quando a escola pública tem muitas coisas. Tem coisas interessantíssimas e projetos interessantíssimos. Portanto, acho que é um momento interessante.

O que é que não me agrada, - aqui é a minha opinião e vincula-me a mim só - é a simplificação que se faz muitas vezes. Ou seja, quando se faz publicações sobre os rankings baseadas numa corrida de cavalos sobre a melhor escola, etc.

Quando só se faz isto, já estamos a contrariar aquilo que eu mais gosto nos rankings que é estar a mostrar a diversidade da escola pública e da escola privada, mostrar a diversidade de contextos e diferenças. Quem faz essa leitura muito redutora afasta-se destes projetos que existem e estão nos rankings.

Quando fazemos o planeamento editorial para isto, uma das maiores preocupações é precisamente essa: o que nós podemos fazer para além de uma simples lista. É só uma lista isto? Não, isto é um suplemento que tem um conjunto grande de reportagens em muitos sítios para tentar mostrar o que se está a fazer bem em certos sítios e também obviamente que se está a fazer mal ou o que é que pode ser melhorado.

Portanto sim, eu diria que é um trabalho para se fazer desde que haja essa atenção especial a esta questão.

Em 2022, realizaram um caso de estudo sobre o Norte. É uma preocupação vossa dar um contexto regional dos rankings?

Sim, é. Mas também vou dizer que não é uma preocupação artificial. Não pensamos só que temos de sair do Porto e Lisboa e termos de ir ao Algarve. Honestamente não é isso.

É mesmo uma questão de quando estamos a olhar para os dados, tirar conclusões. Tendencialmente essas conclusões levam-nos a dizer que, neste aspeto concreto deste concelho, deste distrito, desta região do país, se calhar vale a pena termos algo sobre isto. Não é uma decisão a priori, simplesmente acontece porque os dados nos levam lá.

Quais são as principais dificuldades em transformar os dados em notícia?

A verdade é que nós também já temos alguns modelos mentais treinados para isso. Mas a resposta é muito simples: os dados servem de guia para levar a um sítio. E depois, quando o leitor lê uma reportagem, muitas vezes nem sequer tem noção disso.

No meio fazemos essa referência de, por exemplo, ser a escola que mais se superou. A maior parte das pessoas nem sequer tem noção que houve esse trabalho e não tem que ter.

Nós temos também feito uma aposta grande nos trabalhos de dados para além da simples tabela. No fundo, os rankings podem ser o que uma pessoa quiser, depende para onde uma pessoa está a olhar. Isto não é dizer os rankings pode ser o que apetece, não é isso. Eu costumo brincar e fazer a comparação com o desenho de uma casa. Eu posso desenhar uma casa em dez perspetivas. E cada perspetiva mostra uma coisa diferente. Mas estamos a falar da mesma casa.

Aqui nos rankings é o mesmo, cada indicador ou cruzamento de vários indicadores leva-nos a ter uma visão específica sobre aquele assunto em concreto e, ao mesmo tempo, estamos todos da escola pública, ou da privada. Falo mais da escola pública porque temos mais dados sobre a escola pública e então olhamos mais.

Para Andreia Sanches, o foco na escola pública também se deve ao facto de ser um universo de estudo maior, com mais escolas e mais dados. Concordas?

Eu acho que alinhio por aquilo que a Andreia disse, ou seja, obviamente porque há mais, mas também há o facto de a escola pública ter mais dados e mais informação que a escola privada. Também arriscaria dizer que, enquanto a escola pública é de todos nós, a escola privada é uma instituição privada e toma as suas decisões.

Isto não quer dizer que a escola privada esteja murada e que impedem que as diretivas do Ministério da Educação se apliquem, não é isso. Mas não estão sobre a alçada direta do Ministério da Educação dessa forma.

Portanto, é óbvio que, quando falamos das colocações dos professores, o assunto é a escola pública. Porque obedecem a estas regras e, assim, acho que isso pode levar a que haja um foco na escola pública nos rankings.

Consideras que uma das funções dos rankings é pôr em xeque o Estado e controlar a sua ação?

Eu não sei se levava a esse extremo quase de polícias que estão a vigiar o sistema. Acho que não há essa lógica quase acusatória. Mas em parte sim, obviamente. É um momento especial de avaliação do próprio sistema. Quando se mudam determinadas regras, óbvio que está na nossa forma de pensar perguntar: “O ano passado determinada regra mudou: Teve impacto? De facto, mudou alguma coisa?” É jornalismo normal, não é exclusivo dos rankings.

Nós, no jornalismo de dados, vivemos sempre nesta dualidade, porque tendencialmente na análise de dados, os *outliers* estatísticos, aqueles que saem muito da norma, na análise de dados pura são desvalorizados, porque é um *outlier*, é uma coisa que saiu da norma, uma coisa sai demasiado daquilo que é normal.

No jornalismo é um bocadinho o contrário, por vezes. Ou seja, o *outlier* é aquele que é interessante. Obviamente, temos de perceber porque é que é um *outlier*, ou seja, se há uma razão ou se é apenas um acaso estatístico.

Muitas vezes pode o ser, mas outras vezes pode haver razões de fundo para explicar aquele *outlier*, aquela coisa que sai da norma. E esse trabalho não se consegue apenas com os dados, consegue-se falando com diretores, com alunos, com pais, percebendo aquele contexto em concreto.